



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

PATRÍCIA EDIÓNE DA SILVA

**RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA:
Uma Investigação na Prática Docente**

Campina Grande – PB
2012

PATRÍCIA EDIÓNE DA SILVA

RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA:
Uma Investigação na Prática Docente

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de título de Licenciatura Plena em Pedagogia, pelo Departamento de Educação do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elvira Bezerra Pessoa

Campina Grande – PB
2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S586r

Silva, Patrícia Edióne da.

Relações de gênero e sexualidade na escola [manuscrito]:
uma investigação na prática docente./Patrícia Edióne da Silva.
– 2012.

80 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2012.

“Orientação: Profª. Dra. Elvira Bezerra Pessoa,
Departamento de Educação”.

1. Infância. 2. Sexualidade infantil. 3. Relações de
gênero. 4. Ação docente.. I. Título.

21. CDD 372. 372

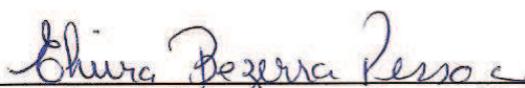
PATRÍCIA EDIÓNE DA SILVA

RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA:
Uma Investigação na Prática Docente

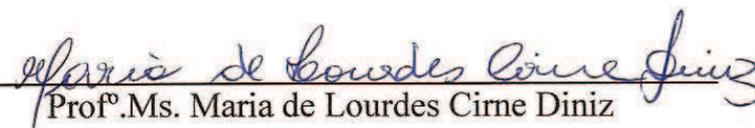
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de título de Licenciatura Plena em Pedagogia, pelo Departamento de Educação do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba.

Aprovado em: 11 / Maio / 2012

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Elvira Bezerra Pessoa (Orientador)



Prof.ª Ms. Maria de Lourdes Cirne Diniz



Prof.ª Ms. Maria do Socorro Araújo de Arruda

DEDICATÓRIA

A todas as crianças, e a todos/as professores (as) que estão abertos para adquirir novos conhecimentos, buscando compreender a manifestação da curiosidade da criança.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter iluminado meu caminho através da presença de pessoas extraordinárias que deram significado e incentivo a minha busca pelo conhecimento teórico e prático.

EPÍGRAFE

Encontramo-nos com jovens e crianças ansiosos por saber de si, de seu mundo, perguntando sobre sexo ou sobre sexualidade, mas tinham por suporte uma pergunta muito maior: aquela que perscruta sobre o mundo e o sentido que podemos dar a ele. Essa intervenção é mais fundante do que quaisquer outras que um adolescente pode perceber: a de resgatar a capacidade de ser sujeito e a de amar. (NUNES, 2011, p. 18)

RESUMO

O presente trabalho, titulado por “Relações de Gênero e Sexualidade na Escola: Uma Investigação na Prática Docente” intencionou, de maneira geral, investigar como os (as) professores (as) trabalham, em sala de aula, as relações de gênero e as manifestações da sexualidade infantil. Esta pesquisa foi desenvolvida em uma instituição privada localizada na zona urbana do município de Remígio – PB. Os dados foram constituídos por cinco professoras com formação diferenciadas, inicialmente, por meio de observações na escola, em seguida aplicamos questionários com as professoras, posteriormente, realizamos uma roda de diálogo com as docentes sobre as expressões de gênero e sexualidade infantil e a relevância de se trabalhar esses temas em sala de aula, por fim desenvolvemos uma ação lúdica com as crianças sobre a descoberta do corpo e questões de gênero. Baseadas em expressivos referenciais teóricos como os PCN’s (2001), Vigotski (2001), Souza e Carvalho (2003), Felipe (2001) entre outros, constatamos através dos dados obtidos, que as professoras não apresentam atitudes voltadas para gênero e sexualidade no cotidiano escolar, no fazer pedagógico, verificando nitidamente insegurança e tabus sobre o tema, deixando em algumas ocasiões ausência, por parte das educadoras, de alguns valores e conhecimentos em proporcionar para os/as alunos (as) respostas referentes a algumas indagações em sala de aula quando questionadas sobre o corpo. A falta de conhecimento sobre aspectos da sexualidade infantil leva a ausência de compreensão sobre as relações de gênero o que pode proporcionar a propagação do preconceito de gênero. Foi possível considerar que as crianças estão sendo moldadas de acordo com as crenças que tem a família e os (as) educadores (as) que ao invés de tentar eliminar certos estereótipos contribuem ainda mais para sua fixação, através de uma educação ainda conteudista, e muitas vezes, sexista e sem real compreensão sobre a diversidade.

Palavras chaves: Infância. Sexualidade Infantil. Relações de Gênero. Ação Docente.

ABSTRACT

The present work '*Relações de Gênero e Sexualidade na Escola: Uma Investigação na Prática Docente*' aims to do research how the teachers are working in the classroom the gender relations and the demonstrations of children's sexuality. This research was developing in a private school, located in the urban area of Remígio city. The information was obtained through five teachers with different formations. Initially the through observations in a school, then we apply questionnaires to the teachers, and then we realize a dialogue with them the expressions of gender and childhood sexuality and the importance of working these issues in the classroom, at the end we fulfill a playful action with the children about discovery body and issues gender. Based on impressive theoretical framework, as the PCN's (2001), Vygotsky (2001), Souza and Carvalho (2003), Philip (2001) among others noticed through information obtained, that teachers do not have attitudes towards gender and sexuality in school, in pedagogical practice, clearly checking insecurity and taboos on the subject, leaving at times lack on the part of educators, some values and knowledge to provide for/ as students (the) answers some questions regarding classroom when asked about the body. The lack of knowledge about children's sexuality aspects causes the understanding about gender relations which can provide the spread of gender's prejudice. It was possible to consider that children are being taught according to the family and educators belief, they instead of to try to eliminate certain stereotypes contribute to its attachment, through an educational content often sexist and without any real understanding of diversity.

Keywords: Childhood. Children's sexuality. Gender Relations. Teaching.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA1 –	Diálogo com as Professoras. Fonte: SILVA, Patrícia Edióne da. 2011.	56
FIGURA 2 –	Teatro de fantoches na turma Infantil IV ¹ . Fonte: SILVA, Patrícia Edióne da. 2011.....	58
FIGURA 3 –	Teatro de fantoches na turma Infantil IV ² . Fonte: SILVA, Patrícia Edióne da. 2011.	59
FIGURA 4 –	Teatro de fantoches na turma Infantil V. Fonte: SILVA, Patrícia Edióne da. 2011.	61
FIGURA 5 –	Teatro de fantoches na turma do 1º ano. Fonte: SILVA, Patrícia Edióne da. 2011.	62

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. REVISÃO LITERÁRIA	15
2.1. Infância: aspectos históricos.....	15
2.1.1. Educação Infantil.....	18
2.1.2. Identidade Infantil.....	21
2.2. Gênero: uma abordagem na Educação.....	24
2.3. A sexualidade em um percurso histórico	28
2.4. Temas Transversais e os Pcn's.....	34
2.5. O corpo humano e suas descobertas – aspectos de gênero	37
2.6. Ensinar e aprender através da contação de histórias	42
3. METODOLOGIA	44
3.1. Tipo de Pesquisa.....	44
3.2. Local da Pesquisa	44
3.3. Etapas.....	44
3.3.1. MOMENTO I – Período de observação em sala de aula	44
3.3.2. MOMENTO II – Aplicação do Questionário com as Professoras	45
3.3.3. MOMENTO III – Sensibilização com as Professoras	45
3.3.4. MOMENTO IV – Ação Lúdica com crianças e Professoras.....	45
3.4. RESULTADOS E ANÁLISES DOS DADOS	46
3.4.1. Análise sobre o Questionário aplicado.....	46
3.4.2. Análise sobre a Roda de Diálogo com as Professoras	54
3.4.3. Ação Lúdica com as crianças	58
3.4.3.1. Teatro de fantoches no Infantil IV ¹ e IV ²	58
3.4.3.2. Teatro de fantoches no Infantil V	60
3.4.3.3. Teatro de fantoches no 1º ano.....	62
4. Considerações Finais	64
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	66
6. ANEXO	70
6.1. Educação Sexual – eles querem falar de sexo. Revista nova escola	71
7. APÊNDICE	79
7.1. Questionário.....	80

1. INTRODUÇÃO

Por meio das mudanças que vêm ocorrendo em nossa sociedade, incluindo o desenvolvimento das tecnologias, as crianças possuem cada vez mais acesso a todos os tipos de informações. A mídia, por exemplo, através dos programas de TV aborda cenas erotizadas que fomentam a curiosidade infantil. Alguns programas apresentam a sexualidade de maneira discriminatória, ligada ao ato sexual. Para Aranha e Martins (2003), o erotismo é social sendo a orgia a sua forma mais geral e antiga. O erotismo é considerado um impulso para a sexualidade que independente da ação reprodutiva, relaciona-se com o prazer que, é uma das necessidades básicas do ser humano, presente durante toda a vida.

A mídia transmite também imagens de homens e mulheres, muitas vezes, de formas estereotipadas, não só de adultos, mas de jovens e crianças também. O que confunde o desenvolvimento da busca por uma identidade, pois alguns programas incentivam, subliminarmente, conforme Felipe (2001) padrões de beleza e comportamentos a serem copiados. De acordo com Hall (2006) as pessoas procuram acompanhar o que está no auge, buscando uma nova identificação com alguém. Para Carvalho et al. (2009) a identidade é construída na relação com o outro, sendo as escolas, instituições que contribuem fortemente para o desenvolvimento das identidades do ser humano.

Vemos o trabalho sobre sexualidade infantil e as relações de gênero, ainda como um desafio a ser vencido pelo motivo de haver muitos (as) educadores (as) desprovidos de conhecimentos teóricos e científicos referentes a essas temáticas. Podemos insinuar que a causa seja a falta de interesse, pois as informações estão bastante acessíveis a nós, basta apenas querer e pesquisar. Sendo necessário também, voltar um olhar atento para a sala de aula, porque na maioria das vezes, implicitamente, as crianças dizem o que querem conhecer.

Sentindo interesse em conhecer mais sobre a sexualidade, as crianças manifestam suas curiosidades, não só por meio de questionamentos, mas de ações, brincadeiras, desenhos, gestos, entre outras. Com isso, o/a docente ao notar as expressões das crianças deve buscar estudos relacionados ao tema e desenvolver um trabalho em sala de aula que procure atender as curiosidades dos/das pequenos (as) de maneira que não repreenda ou reprima, mas que possibilite o favorecimento do desenvolvimento integral da criança. Segundo os PCN's, o trabalho sobre sexualidade deve ser abordado sob o ponto de vista psíquico, psicológico e

sociocultural, sem invasões de intimidade, devendo levantar questionamentos acerca das diferentes crenças que existe sobre o assunto.

Havendo a necessidade de repensar a sexualidade e as relações de gênero no âmbito escolar, relações essas permeadas de poder sendo definida como as formas de comportamentos, regras determinadas para homens e mulheres, procuramos compreender como os/as educadores (as) lidam com esses assuntos em sua prática docente, assim também como o que entendem por sexualidade. Tendo em vista que as escolas são lugares nos quais as crianças são modeladas conforme a atuação e crenças do modelador. (LOURO, 1997). Dessa maneira, na escola pode e muitas vezes ocorrem discriminações e desigualdades.

No entanto, se o/a docente estiver atento as expressões das crianças e não se importar de seguir apenas o livro didático, poderá trabalhar as relações de gênero e sexualidade, que se mostram entre as crianças na sala de aula e nas diversas brincadeiras, de maneira a amenizar as discriminações e os estereótipos que são criados em relação ao gênero. (PCN's, 2001).

Percebemos que os/as profissionais da educação precisam estar sempre atualizando seus conhecimentos e essa atualização leva a uma desmistificação da visão e postura do/da educador (a) diante das curiosidades expressas pelas crianças. Para muitos (as) professores (as), responder a essas curiosidades principalmente relacionadas à sexualidade ainda é muito difícil, por isso é necessário uma reavaliação de sua postura, uma busca em aprimorar seus conhecimentos para tentar entender que a sexualidade é um aspecto natural da vida do ser humano que está presente por toda sua existência.

Sendo assim, esse aspecto não pode se desvincular dos outros. Porém, não é fácil abordar esse tema, pois para muitos gera certos receios, seja por falta de informações sobre o tema ou por o/a educador (a) não se sentir a vontade em tratar sobre o assunto com as crianças. Mas, educadores (as) não podem assumir uma posição “neutra” em relação a esse assunto. Em primeiro momento, é preciso ter em mente que a sexualidade não se limita apenas a presença ou não do orgasmo, mas, está ligada as várias formas de expressões do ser humano e envolve aspectos de sua personalidade.

Para muitas pessoas pode ser difícil compreender essas questões e acabam atuando frente às crianças de maneira repressiva o que pode levar o/a infante a se fechar não tendo muito espaço para interagir com essa pessoa de forma confiante. Para Souza (2009), o fazer pedagógico pode contribuir para a construção de comportamentos repressivos, pode-se dizer

vergonhoso em expressar as curiosidades que se tem sobre si, ou também pode contribuir para uma descoberta e formação saudável da identidade de si. Isso irá depender da atuação do/da profissional presente em sala de aula, pois é através da visão que o/a educador (a) tem sobre esse tema, de como trata as expressões da sexualidade que a criança construirá a sua visão a respeito desta questão. Dessa forma, a escola deve favorecer momentos para que sejam respondidas de maneira simples, natural e objetiva as curiosidades expressas pelos (as) pequenos (as).

Diante do exposto, objetivamos, de maneira geral neste trabalho, investigar junto às educadoras do Ensino Infantil e Fundamental, a relação de gênero e sexualidade no cotidiano escolar em uma escola do município de Remígio – PB. Buscamos, especificamente, observar os conhecimentos prévios da criança sobre o corpo, na Educação Infantil - pré-escola e 1º ano do Ensino Fundamental; analisar a relação entre o/a professor (a) e aluno (a) sobre as questões de gênero e sexualidade na prática pedagógica; e promover uma ação lúdica sobre o tema em estudo com os/as educadores (as) e educandos (as), fundamentada no livro **Menino brinca de boneca?** (2001) de Marcos Ribeiro, usando o teatro de fantoches.

2. REVISÃO LITERÁRIA

2.1. INFÂNCIA: ASPECTOS HISTÓRICOS

A história da infância nem sempre foi vista como uma fase em que as crianças fossem merecedoras de direitos, cuidados e atenção. Através dos estudos realizados em pesquisas bibliográficas, percebemos que a infância era um aspecto sem importância, como diz Ariés (1978) essa fase na vida das crianças era ignorada, inexistente.

No período do Brasil colônia, os adultos consideravam que não devia se apegar as crianças porque morriam com muita facilidade devido às más condições em que viviam. Nas embarcações que faziam a migração havia a presença de crianças que sofriam bastante, como nos apresenta Lopes (2005, p. 17-18),

Alojados a céu aberto, com uma alimentação escassa e de péssima qualidade, destinados às tarefas de alto risco, severamente castigados, muitas vezes obrigados a aceitar o assédio sexual dos adultos, muitos deles não sobreviviam à exposição constante ao sol, às intempéries climáticas, às doenças e a fome.

As crianças foram tidas com inferioridade, submetidas a altos perigos de vida tanto na terra quanto ao mar, dessa forma a taxa de mortalidade era muito alta. Em alto mar, algumas crianças não sofriam tanto quanto outras por fazerem parte da nobreza, mas, mesmo assim, não tinham mordomias. Segundo Ramos (2010, p. 49), as crianças dessa época eram exploradas até esgotar-se,

[...] quando não pereciam durante a viagem, enfrentavam a fome, a sede, a fadiga, os abusos sexuais, as humilhações, e o sentimento de impotência diante de um mundo que não sendo o seu tinha que ser assimilado independentemente de sua vontade. Combater o universo adulto desde o início seria tentar vencer uma batalha que já estava perdida.

O cotidiano desses (as) pequenos (as) não era fácil, a infância não existia e também não havia afetividade para com os/as infantes, logo tinham que se adaptarem ao mundo dos adultos. Conforme Lopes (2005), já firmes em terra, eram poucas as crianças que conseguiam chegar à idade adulta, mesmo aquelas que não passaram por viagens marítimas.

Com relação às crianças negras, no período do Brasil escravista, essas tinham sua infância roubada, logo que nascidas eram vendidas, serviam como objetos de diversão para as crianças brancas. As crianças negras que tinham a sorte de permanecer com a mãe, eram logo adaptadas ao trabalho materno com o intuito de busca pela sobrevivência. O aspecto materno não possuía valorização social já que a infância era insignificante. Assim como os animais, cabia ao/a infante sobreviver aos desafios que lhes eram impostos para em seguida serem inseridos ao mudo adulto.

Em um contexto mais geral, as crianças até o século XVI eram vistas como adultos em tamanho menor, participavam livremente dos eventos públicos e adquiriam conhecimento de vida interagindo com os adultos. Um século depois, passa-se a ver a criança como um ser frágil, inocente, dependente, necessitado de cuidados e proteção. Devido a crianças e adultos estarem sempre misturados em várias atividades do dia a dia, logo foi se produzindo uma “emergência” da infância. Áries (1978) chama essa descoberta de “sentimento de infância” que está vinculada as particularidades infantis. O “sentimento de infância” surgiu como uma forma de administração, de agir sobre o corpo da criança, também para tentar diminuir a mortalidade infantil.

Segundo Dornelles (2005), no século XVIII passa-se a incorporar a ideia do uso de contraceptivos na tentativa de impedir o nascimento de mais crianças, objetivando a sobrevivência das já nascidas. Com isso, o aumento da população estava sob controle e cuidados. A partir de análises feitas por médicos higienistas, sobre a mortalidade infantil, é imposto às mães os cuidados de seus filhos, pois estes eram entregues as amas-de-leite que eram apontadas como responsáveis pelos maus hábitos transmitidos às crianças e também pelo número de mortalidade infantil. Esta ação visou não só impor às mães o cuidado de seus filhos, mas diminuir despesas com entidades para abandonados e controlar a reprodução dos menos favorecidos.

Através disto, conforme Dornelles (2005), a criança sai, paulatinamente, do anonimato e passa a ter um lugar na sociedade. Mas, inicialmente, a criança é considerada como um ser inocente, carente de razão, parecida com uma cera que pode ser moldada segundo o objetivo desejado, por isso merece cuidados e atenção. Por meio disso, surge o “sentimento de paparicação” reservado aos primeiros anos de vida que provoca a invenção de outro sentimento que fosse capaz de tornar as crianças em adultos úteis à sociedade. Por isso

discipliná-las a fim de torná-las dóceis e submissas, isso deveria ser feito pela família e pelos (as) educadores (as).

Por meio disto, dos finais do século XV e começo do século XVII iniciam-se o desaparecimento da criança como adulto em miniatura e assiste-se o surgimento da criança aprendiz que se determina a partir da desqualificação da aprendizagem do/da infante adquirida na rua junto aos adultos, dessa forma principia-se o processo de escolarização das crianças.

Rosseau apud Dornelles (2005) propõe como forma de educar a interiorização de regras e uma “microvigilância” sobre os corpos das crianças visando à criação de sujeitos moldáveis de acordo com as necessidades sociais. Para Rosseau, a passagem para vida adulta se dá por meio do desenvolvimento da razão sendo preciso, antes disso, controlar o infantil. Devido a isso, surge a substituição dos castigos por um método minucioso de controle dos infantis, que a autora chama de “vigilância amorosa”.

A educação e disciplina das crianças deveriam ser realizadas pela família que surge a partir do século XVIII. Posteriormente, surge as Ciências Humanas como forma de poder sobre os infantis e para isso fazia-se necessário conhecê-las em suas especificidades para melhor governá-las. Dessa maneira, passa a ser responsabilidade da escola parte da educação das crianças. Esse tipo de governo, como traz Foucault apud Dornelles (2005), é o governo sobre as ações dos outros e de si mesmo, dava-se de forma sutil através de disciplinas com métodos minuciosos de vigilância, controle e inculcação de valores que ocorre a todo o momento.

Essa técnica de prestar atenção ocorria e ocorre por meio de registros e observações dos infantis, de seus gestos e comportamentos. As crianças estão a todo instante sob essa forma de cuidado, não só elas, mas também os seus/suas educadores (as) principalmente em ambientes privados. Podemos afirmar que a “infância” se consagrou com a existência da escola, pois a criança sempre existiu, o “sentimento de infância” é que foi inventado pela sociedade. Atualmente, a criança passou a ser valorizada, ganhando um olhar voltado para suas especificidades sendo estudada por vários pesquisadores.

Quando a sociedade percebe o sentido de infância, surge à necessidade de separar a criança do mundo dos adultos, e sua aprendizagem passa a ser responsabilidade da escola. Após um longo período de descaso para com as crianças, surge à percepção infantil como um

ser merecedor de cuidados, aparecem as políticas públicas e os programas de atendimento visando promover situações precisas para que se possa desenvolver o papel de cidadania das crianças, agora com lugar de destaque na sociedade. Tudo decorrente dos determinantes sociais, dos interesses pelo poder, pois, os acontecimentos sociais sempre visavam os gastos, os benefícios das instâncias poderosas.

Todavia, apesar das leis que garantem os direitos da criança, atualmente a infância continua sendo usurpada nas casas e esquinas de nossa sociedade. Dornelles (2005) nos instiga a pensar nas várias infâncias existentes que são produzidas por inúmeros fatores. A autora nomeia duas infâncias que destaca como: a infância ninja que engloba as crianças das classes menos favorecidas, abandonadas, as sobreviventes das ruas. Muitas crianças ninjas de séculos passados não tiveram uma infância livre de sofrimentos, dificuldades e abandono assim como muitas de hoje também não têm. A outra infância destacada é a *cyber*-infância que engloba as crianças com mais condições sociais que estão a todo o momento em contato com as tecnologias adquirindo novos conhecimentos e, de acordo com Dornelles, para muitos chegam a causar medo por não serem controladas e estarem sabendo como lidar com algumas inovações tecnológicas. Mas como tudo é intencional, as tecnologias também buscam, de certa forma, disciplinar o corpo do indivíduo.

A inculcação de valores ocorre a todo o momento. E como consequência daquela tentativa de diminuir gastos com as entidades para os menores não sai de cena as centenas de crianças ninjas pelas ruas, passando fome e frio sendo disciplinados da forma mais cruel por traficantes e outros sujeitos.

2.1.1. EDUCAÇÃO INFANTIL

Devido às modificações que foram surgindo na sociedade, na família e com o ingresso da mulher no mercado de trabalho, iniciam-se as discussões sobre as creches que apareceram com uma finalidade inicial de atender as classes menos favorecidas, depois assumem o objetivo de liberar a mulher para o trabalho fora de casa. Segundo Pardal (2005), as instituições referentes ao atendimento de crianças pequenas surgiram na primeira metade do século XIX, em muitos países. A primeira instituição foi implantada na França em 1844, no Brasil passou a existir no ano de 1870, também com o intuito de permitir o ingresso da mulher

no mercado de trabalho que precisavam trabalhar e não tinham com quem deixar suas crianças.

O atendimento às crianças pequenas nasceu inicialmente com caráter assistencialista com a intenção de cuidar, proteger, alimentar sem que houvesse educação. A história da educação infantil é marcada por desigualdades, porque para as crianças pobres o atendimento em creches era de maneira assistencial, que englobava apenas o cuidar, e para as crianças de classes privilegiadas cabia o ato de educar que envolvia o desenvolvimento intelectual. Não havia investimentos do Estado para a educação infantil, apenas com a Constituição de 1988 é que se concretiza a educação infantil como um dever do Estado e um direito das crianças.

Com base em Dornelles (2005), quando sentiram a necessidade de instruir os/as cidadãos e cidadãs, notaram que atuando sobre as mentes dos pequenos poderiam atingir a família. A partir da criação de creches e escolas infantis, vieram as discussões a respeito dos/das responsáveis pelo trabalho com essas crianças e também a elaboração de documentos como a Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 que programou várias inovações, entre elas a educação infantil como a primeira etapa da Educação Básica destinada a creches e pré-escolas, brotaram o Referencial Curricular para Educação Infantil (RCNEI - 1998), as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI - 1998) e os Parâmetros Nacionais de Qualidade para Educação Infantil (PNQEI – 2006) entre outros, a fim de garantir um melhor atendimento aos/ as pequenos (as). Houve avanços na educação infantil, porém poucas pessoas entendem os conceitos desse atendimento educacional de crianças de 0 a 6 anos. De 0 a 6 anos de idade porque segundo a LDB essa é a faixa etária que compreende a educação infantil.

Ainda não ficou totalmente no passado a prática de depositar as crianças em creches para que os pais e mães possam ter o dia livre, muitos (as) pensam que as crianças são colocadas em creches apenas para serem cuidadas, não percebem a infância como uma etapa ímpar na vida do ser humano que necessita de atenção e atendimento especializado. O momento da infância na educação infantil deve ser pensado, planejado, respeitado e inovado, para isso os documentos como a LDB, o RCNEI, a DCNEI, trazem como objetivos gerais o desenvolvimento integral da criança em todos os seus aspectos: físico, motor, psicológico, intelectual e social.

Para isso, os profissionais da educação infantil além de estarem capacitados para exercer esse papel, precisam ter em mente as funções básicas do seu trabalho com as crianças

dessa modalidade de ensino que é cuidar e educar, mas como diz Angotti, um cuidar que resulte em educação e um ato de educar que cuida da criança, atendendo e respeitando as suas especificidades em um ambiente lúdico.

Crianças, seres íntegros em suas manifestações de singularidade, sociabilidade, historicidade e cultura, que por meio das práticas de educação e cuidado, deverão ter a garantia de seu desenvolvimento pleno pelas vias da integração entre seus aspectos constitutivos, ou seja, o físico, emocional, cognitivo/linguístico e social. (ANGOTTI, 2006, p.20)

A falta de compreensão acerca dos atos cuidar e educar na educação infantil como também a falta de profissionais capacitados nessa área, leva ao que Silva (2008) chama de *crise de identidade*, pois é ausente a competência de diferenciar as atividades desenvolvidas na creche das que são realizadas em casa. A carência de novos estudos, de atualização dos conhecimentos leva a muitas dificuldades, principalmente a de trabalhar alguns temas junto às crianças como questões referentes à etnicidade, a inclusão, a sexualidade, levando a momentos de silenciamento das curiosidades infantis.

Atualmente, a educação infantil vem ganhando grande importância nas teorias, estudiosos dão ênfase a necessidade do desenvolvimento das crianças considerando suas necessidades. O trabalho com os/as pequenos (as) da educação infantil não se limita ao conhecimento de letras, de atividades escritas, mas promover momentos lúdicos de aprendizagem nos quais as crianças possam se expressar de todas as maneiras. Nessa perspectiva, são realizados estudos voltados para o trabalho com as múltiplas linguagens das crianças, entendida, segundo Oliveira (2002), como as várias expressões das crianças em toda e qualquer atividade realizada pelos/as pequenos (as).

Para que essas expressões sejam trabalhadas de forma positiva, o/ docente precisa exercer sua prática de uma maneira que articule as múltiplas linguagens dos/das infantes. Conforme Angotti (2006), o/a educador deverá ser bastante criativo para acolher as crianças e auxiliar um bom desenvolvimento, para isso precisará de muita criatividade, pois a organização do ambiente contribuirá fortemente para o desenvolvimento das crianças. Com isso é de grande importância que o/a professor (a) planeje suas ações, os recursos que irá utilizar e que, principalmente, enxergue e leve em consideração a diversidade que se encontra na turma da educação infantil.

O Referencial Curricular para a educação infantil traz a brincadeira como um fator indispensável para essa modalidade. Consideram o ato de brincar como uma forma de intercâmbio entre a imaginação e a realidade da criança, mas não é um brincar para passar o tempo e sim uma maneira de brincar em que ocorra aprendizagem, em que a criança possa explorar o que está ao seu redor, “é necessário que ela se esparrame, que “nade” em um chão sem água, que sinta a necessidade de movimentar seu corpo de maneira diferente, que descubra que engatinhando poderá ir mais longe buscar o que quer.” (ANGOTTI, 2006, p. 22) Para isso é necessário que o/a professor (a) esteja aberto ao novo, se atualizando a fim de oportunizar, com inovação e criatividade, momentos de ludicidade para que as crianças possam expressarem suas emoções e sentimentos.

2.1.2. IDENTIDADE INFANTIL

Como é sabido, as crianças sempre existiram apenas não eram consideradas enquanto ser social com especificidades que deveriam ser respeitadas. Como os acontecimentos sociais estão envolvidos por inúmeros fatores, assim também surgiu a “descoberta da infância”, abarcada pela necessidade de estruturação da família e da escola conforme os objetivos do governo. A partir daí a criança passou a ser pensada como um sujeito de direitos.

De acordo com Kramer (1999) a criança é um ser social, que tem história, possui uma linguagem, faz parte de uma classe social, mantém relações sociais conforme o contexto em que está inserida tem uma valorização segundo o meio familiar em que vive. A criança é um ser mergulhado em relações sociais por meio das quais são transmitidos valores, crenças, costumes, linguagem, autoritarismo.

É pensando desse modo que se faz necessária uma formação competente para os/as responsáveis que atuam nessa modalidade de ensino. Muitos (as) educadores (as) por não possuírem uma formação adequada, ou por falta de estímulo para melhorar sua prática e conhecimento acabam limitando, silenciando, reprimindo as crianças por algum motivo. Isso ocorre pela falta de compreensão acerca de um trabalho voltado para o desenvolvimento integral dos /das pequenos (as).

Segundo Kramer (1999) a criança da educação infantil traz consigo saberes, adquiridos no meio sócio-cultural onde vivem que devem ser compreendidos e respeitados. Através disto, o/a educador (a) precisa estar aberto para trabalhar com a diversidade de

crianças que irá receber, atender as suas necessidades, beneficiar o desenvolvimento do/da infante de modo significativo. O/A docente precisa estar atento as expressões das crianças para que assim possa perceber que a criança tem habilidades de mexer com todos os fatos, de imaginar, fantasiar e criar, além disso, apresentam uma percepção de mundo que descentraliza a ordem dos acontecimentos. Por isso é interessante conhecer a criança, analisá-la em todos os sentidos, mas não com o intuito de deter suas manifestações e sim de auxiliá-la a desenvolver-se cada vez mais e melhor.

Dessa maneira, o/a docente perceberá que deverá favorecer momentos de ludicidade, não restritos apenas aos jogos e brincadeiras, mas “o corpo deve ser entendido e trabalhado enquanto primeiro brinquedo e instrumento de ludicidade infantil” (ANGOTTI, 2006, p.21), é através do corpo que a criança irá interpretar o mundo, por meio do corpo ela poderá observar sentir e expressar-se livremente. Por isso se torna importante o conhecimento do próprio corpo.

Com base em Angotti (2006), se as atividades iniciais feitas pelos (as) alunos (as) tiverem uma intervenção adequada, poderá contribuir significativamente para o conhecimento de si. Isso leva em consideração as funções básicas da educação infantil: o cuidar e o educar, pois a forma como percebemos que os/as professores (as) educam o corpo das crianças em sala de aula acabam deixando marcas repreensivas pelos comportamentos curiosos.

Ressalto a importância de buscar fontes teóricas a fim de confrontar com a realidade encontrada no ambiente escolar para tentar vencer os desafios que surgem antes de, grosseiramente, reprimir expressões. É necessário libertarmos das nossas deficiências de não perceber o outro enquanto ser que pensa. O/A educador (a) deve analisar o cotidiano em sala de aula, a forma como as crianças interagem e não dividir tarefas de meninos e meninas.

Deve estar presente na ação do/da educador (a) o ato de favorecer momentos em que a criança possa fazer barulhos, correr, pular, ouvir os sons do próprio corpo, relaxar, ficar em grupo ou sozinho, experimentar diversos brinquedos sem taxar considerações a respeito de brinquedo para meninas e para meninos. De acordo com Angotti (2006, p. 22), é preciso entender que o desenvolvimento da aprendizagem da criança

[...] não está estampado apenas nas letras, nas repetições, nas reproduções de atividades de caligrafia, na apreensão do código gráfico que permite escrever e ler, ou nas atividades de tapa buraco ou de utilização de tempo para não se objetivar nada de maneira intencionalmente educativa.

Porém ainda persiste esta visão sobre as atividades e muitos (as) educadores enxergam a brincadeira como algo para passar o tempo. O RCNEI foi disseminado em 1998, os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil foi lançado em 2006, mas muitos (as) profissionais da educação infantil parecem desconhecer esses documentos. O RCNEI aborda que o ato de brincar deve ser uma atividade constante no dia a dia das crianças. Quando se oportuniza momentos lúdicos as crianças expressam a sua maneira os fatos que elas vêm em casa, na rua, nas novelas, nos desenhos, onde ela estiver presente e o que ficou marcante em sua memória e para isso utilizam as suas múltiplas linguagens, entre elas os movimentos corporais, os gestos.

A escola da educação infantil deve ser um espaço onde as crianças possam interagir de maneiras diversas através de atividades. Esse espaço precisa fazer com que as crianças se sintam a vontade para criar, imaginar, interagir com as diferenças e, principalmente, a escola precisa ser um ambiente que produza identidades e respeito. Esse é o grande papel da escola e dos/das educadores, produzir identidades, que deve ser realizado de maneira eficiente e não preconceituosa.

O cotidiano na escola de educação infantil será significativo para as crianças, se for um espaço de trocas, de intercâmbio, de valorização de diferenças. O professor precisa estar aberto ao novo e ter habilidade para torná-lo rico de possibilidades, transformando situações aparentemente simples e desprovidas de novidades, em formas criativas e interessantes que possibilitem a participação e envolvimento do grupo. (MULLER e REDIN, 2007, p. 17)

Para isso é necessário que o/a professor (a) planeje o ambiente a fim de facilitar a interação das crianças, planeje as atividades que irão ser desenvolvidas. Tanto as atividades quanto a rotina de sala de aula deverão levar em consideração as especificidades da criança. Conforme a atuação do/da docente a rotina em sala de aula poderá promover ou limitar o desenvolvimento e a aprendizagem da criança. Sobre isso o RCNEI (1998, p. 73) traz que,

[...] rotinas rígidas e inflexíveis desconsideram a criança, que precisa se adaptar a uma nova realidade, ou seja, longe do convívio com seus familiares, de sua casa, de seus brinquedos. [...] Se não houver mudanças na rotina, a mesma também desconsidera o adulto, tornando seu trabalho monótono, repetitivo e pouco participativo.

Kramer (1999) argumenta sobre a necessidade de o/a docente perceber a criança como um ser pensante, ativo em seu desenvolvimento, necessitado de uma educação que compreenda os conhecimentos que adquiriram no meio social onde está inserido, respeite as etapas do seu desenvolvimento. A criança da educação infantil é um ser que tem e produz história, que pode transformar o meio onde vive. O/A professor (a) necessita manter um olhar crítico e reflexivo diante dos acontecimentos em sala de aula para não produzir mais desigualdades, devem estar atentos para não educarem de maneiras distintas os meninos e meninas, pois as crianças questionam e dependendo da atuação do/da docente a resposta será a disseminação de preconceito entre as identidades de gênero. Quando devem causar a apreciação da diversidade que constitui o nosso país.

2.2. GÊNERO: UMA ABORDAGEM NA EDUCAÇÃO

Nossa trajetória de vida é marcada por muitos acontecimentos históricos, sociais, culturais e políticos. A cada dia transformamos o meio onde vivemos a partir dos nossos atos. Através das lutas pelos direitos sociais de igualdade passamos a perceber novas visões a respeito da questão de gênero, porém ainda permanece em algumas pessoas o olhar preconceituoso e ignorante sobre a equidade de gênero entendida aqui como a igualdade, o respeito entre homens e mulheres.

Durante muito tempo a mulher ficou restrita aos cuidados dos filhos, de casa, submissa a obediência ao pai e marido, sem poder exercer trabalhos extradomiciliares. Segundo Farias (2005), na relação familiar o homem ocupava o topo da pirâmide com total autoridade, então cabia a mulher obedecer fielmente às ordens do marido. Podemos entender que por muito tempo acreditou-se que a inteligência habitava no homem, quando as mulheres ousaram mostrar suas capacidades os olhares preconceituosos assanharam-se ainda mais, até mesmo do próprio gênero feminino, mas devido ao fato de já se carregar essa visão de que as mulheres nasceram apenas para cuidar do lar. Através dos movimentos feministas e muita luta a mulher conseguiu hoje um pequeno espaço na sociedade, porém ainda rodeado por olhos preconceituosos.

Segundo Sayão e Bock (2002), o termo gênero passou a ser usado nos fins dos anos 70, com a luta do movimento feminista pela igualdade dos direitos entre os gêneros a fim de que se perceba que as desigualdades entre os gêneros parte do peso que a cultura exerce sobre

nós. Conforme Sayão e Bock (2002), as relações de gênero são referentes aos predicados que a sociedade e a cultura determinam para o feminino e o masculino, levando em conta que a diferença biológica é apenas o ponto inicial para se construir socialmente os papéis de homens e mulheres no meio social.

Somos seres atuantes, com identidade flexível, descentralizada, como diz Hall (2006), produtores e produzidos de/pela história, logo somos capazes de desmistificar muitas visões preconceituosas que nos cercam diariamente. Para isso fazemos uso da educação como mais um meio de inculcação de valores, quando usada de forma competente, com intencionalidade. Para Sayão e Bock (2002), a educação surge como algo indispensável para a mudança de atitudes discriminatória, pois é através do ato de educar que o/a professor (a) pode moldar os seres que encontra em sala de aula com o intuito de adequá-los ao que a sociedade necessita.

De acordo com o RCNEI (1998, p. 20), as questões de gênero estão relacionadas com as características biológicas do feminino e masculino sendo construída na interação com a família, a sociedade:

Antes mesmo do nascimento, os familiares manifestam curiosidade em saber se o bebê será menino ou menina. Já nesse momento começam a construir expectativas diferentes quanto ao futuro da criança, conforme a representação que é feita do papel do homem e da mulher em seu grupo social.

Lançam, dessa forma, valores, determinam comportamentos, estabelecem regras que meninos e meninas devem seguir desde a cor da roupa, ao brinquedo, as amizades. Essa questão está totalmente ligada à construção da identidade do ser humano, que de acordo com Hall (2006) não é biológica, mas sim histórica construída junto à transformação constante da sociedade.

É através da interação com outras pessoas que as crianças constroem, conforme Vygotsky (2001), os conhecimentos espontâneos, na maioria das vezes, estereotipados do que é ser homem e ser mulher, constroem dessa forma sua identidade de pertencimento ao gênero masculino ou feminino. Nesse contexto a escola surge como o lugar onde esses conhecimentos poderão ser aprimorados e desmistificados. Dessa maneira o/a educador (a) necessitará perceber a heterogeneidade presente em sala de aula intencionando um trabalho que promova vantagens entre os gêneros.

O/A educador (a) deve manter uma visão crítica e reflexiva acerca do tema, contribuindo para a compreensão de que as diferenças existem e não é anormalidade, devemos procurar cultivar o respeito ao/a outro (a). Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais de Orientação Sexual (2001), desde cedo somos ensinados a como nos comportarmos, como deve agir um menino, uma menina, um homem, uma mulher. Essa modelagem exercida sobre nós influencia no desenvolvimento da sexualidade e no convívio em sociedade. Segundo Louro (2007, p. 11-12) a sexualidade é uma construção histórica, “[...] a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam, que normatizam, que instauram saberes, que produzem “verdades”.”

Entendemos que o desenvolvimento da sexualidade está inteiramente ligado as questões de gênero, pois ao determinar como devem ser os comportamentos femininos e masculinos estaremos, muitas vezes, repreendendo atos que um ou outro não manifesta por não estar de acordo com a norma estabelecida pelo grupo. Assim a sexualidade faz parte do nosso cotidiano, das nossas atitudes, das relações pessoais, sofre influência dos fatores que nos constrói. Dessa maneira ela vem a se manifestar de formas diferentes em cada um, pois a diversidade é explícita.

Tanto o RCNEI quanto os PCN’s abordam a questão da sexualidade e relações de gênero que o/a professor (a) deverá ter conhecimento para que possa auxiliar da melhor maneira no desenvolvimento dos/das seus/suas alunos (as). De acordo com Carvalho (2000, p. 18) “Diferenças entre homens e mulheres existem, mas não devem implicar desigualdades ou desvalorização das qualidades e contribuições femininas, como a maternidade e o cuidado das crianças, idosos, e doentes carentes.”. A autora ainda afirma que as relações de gênero é “uma questão de educação”, pois desde a educação infantil as crianças são colocadas diante de brincadeiras excludentes e sexistas, devido aos estereótipos que o/a educador (a) traz consigo.

Muitos (as) dizem menino brinca com menino e menina brinca com menina; as meninas brincam de boneca e os meninos brincam de carrinho; as brincadeiras das meninas são mais delicadas; as brincadeiras dos meninos são mais agressivas. De tanto ouvirem essas regras as crianças as assimilam, o pior é que muitos (as) docentes contribuem para essa ilusão. E quando o/a professor (a) não tem a intencionalidade de trabalhar ou não compreende as relações de equidade entre os gêneros e não busca inovar sua prática, quando se depara com meninas que gostam de brincar com meninos, ou têm preferência por brincadeiras ditas de meninos surgem os olhares e comentários espantosos envolvidos de preconceitos.

Quando as crianças procuram brincadeiras diferenciadas das que determinam para o seu gênero elas apenas estão descobrindo algo novo, isso faz parte do seu desenvolvimento. Conforme Souza (2009, p.141) essas visões preconceituosas “... reprimem o corpo e as atitudes de crianças ao expressarem sua sexualidade e construírem sua identidade, enquanto menino e menina caracterizam marcas de valores construídos e perpassados por adultos e, pela cultura e seus signos.”

É comum ouvirmos certas falas do tipo: aquela menina só brinca com os meninos; você não é menino. Menina brinca com menina; menino não chora, não brinca de boneca; ou então ouvimos certas bobagens relacionadas às cores porque rosa, vermelho, lilás é de menina; azul é de menino, mas por quê? A cor não irá determinar nada no desenvolvimento de uma criança, o que vai ficar marcado em seu desenvolvimento serão as insistências, as repressões por não poderem expressar as suas curiosidades. De acordo com Souza (2009, p. 144-145),

[...] a construção saudável da sexualidade infantil e a elaboração da identidade de gênero - sem a influência de preconceitos sociais - por crianças em sua primeira etapa de vida, são aspectos possíveis de serem desenvolvidos, também sob influência de práticas pedagógicas que ocorrem nas instituições de educação infantil. Para tanto se faz necessário, dentre outros, avaliar os processos de formação docente e perceber suas implicações e/ou contribuições no desenvolvimento de tais aspectos além de uma reorganização político-pedagógica dessas instituições, que possam também favorecer seus docentes em sua formação contínua.

À medida que construímos a história, da mesma maneira podemos transformá-la, como já mencionado, logo mudar essa visão preconceituosa sobre as relações de gênero e sexualidade é sim um desafio, mas não impossível de ser vencido. Como educadores (as), com a missão de formar pessoas capazes de conviver com a diversidade de maneira saudável, precisamos estar em uma incessante busca por atualizar os conhecimentos, tentando nos libertar de certos conceitos preconceituosos que nos foram estabelecidos conforme o grupo a qual pertencemos, pois no dizer de Ribeiro (2003), se formos tratar esses assuntos com os valores que recebemos ontem, estaremos complicando esses seres humanos que são o amanhã. Antes de tudo o/a docente deve se perceber como agente que estimula o respeito às diferenças e não como causador de desigualdades e discriminações. Então, para que isso não aconteça é necessário um exercício de reflexão sobre nossa atuação em sala de aula auxiliada por um aprofundamento teórico muito bem analisado.

De certo, assim como outros temas, as relações de gênero devem ser trabalhadas no ambiente escolar, mas enquanto muitos (as) profissionais da educação não mudarem ou procurarem se informar sobre essa questão, em qual ponto de vista e intencionalidade explorará esse assunto? No de contribuir para as desigualdades ou promover conhecimento e vantagens nas diferenças? Isso dependerá da intenção de quem assume a função de auxiliar o desenvolvimento da aprendizagem no propósito de incluir a diferença em grupo misto e não de separar meninos X meninas. Segundo Carvalho e Souza (2003), o/a professor (a) deve tentar se livrar das atitudes sexistas que muitas vezes exercita em sala de aula, essas atitudes podem ser entendidas como expressões que favorece um gênero em detrimento de outro.

De acordo com os PCN's (2001) explorar esse tema em sala de aula deve ter em mente a intenção de discutir os padrões determinados social e culturalmente para homens e mulheres, destacando ideias de transformação de normas rígidas que muitos (as) ainda pensam ser imutáveis. Com base nisto, o/a educador (a) precisará estudar sobre a questão de gênero, analisando reflexivamente os materiais por ele/ela consultados, a fim de apresentar e incentivar a percepção dos/das seus/suas alunos (as) sobre as regras que são apontadas para meninos e meninas, alertando-os/as sobre a flexibilidade do ser humano, ou seja, “apontando para a imensa diversidade dos jeitos de ser.” (PCN's, 2001, p. 145)

É explícita a importância que tem a presença do/da professor (a) diante das manifestações de curiosidades dos/das pequenos (as), mais relevante ainda é sua posição esclarecedora frente a estas expressões que surgem em sala de aula. Essa posição não se resume a castigos, mas sim é aberta a curtas explicações sobre o que pode ou não pode, onde e quando pode isso diante da exploração do corpo da criança em momentos não adequados. O/ A educador (a) deve deixar de lado os preconceitos e procurar favorecer o desenvolvimento de suas crianças de forma saudável, pode até ser difícil se considerarmos que o desenvolvimento da sexualidade das crianças se dará de acordo com o desenvolvimento que teve seu/sua educador (a), pois se considerar a sexualidade como um tabu, infelizmente, não proporcionará uma educação, sem repressões, sem traumas, sobre o corpo da criança.

2.3. A SEXUALIDADE EM UM PERCURSO HISTÓRICO

Ao falar sobre sexualidade é necessário conhecer que nem sempre essas manifestações foram vistas como algo vergonhoso como alvo de censuras. Segundo Foucault (1999) de

forma exagerada, essas manifestações ocorriam abertamente, com as mudanças que foram acontecendo na sociedade o tema sobre a sexualidade foi ganhando uma nova visão, isto é, a percepção acerca da sexualidade foi variando de acordo com as épocas. Para que possamos compreender um pouco sobre como a sexualidade foi se transformando em um assunto vergonhoso de se falar abertamente, faz-se necessário investigarmos algumas visões históricas acerca deste tema.

Desde o período pré-histórico e da história antiga, a imagem da mulher estava relacionada à Mãe Terra devido à capacidade de fecundação e fertilização sendo por isso venerada pelos homens. As civilizações antigas cultuavam a feminilidade na imagem de deusas. Nesse período da antiguidade a religião se expressava pela adoração a natureza, a Deusa Mãe (Terra). Assim como a terra, a mulher era vista como capaz de gerar vida, de uma maneira um tanto misteriosa, pois o homem ainda não havia descoberto a sua participação na procriação. Conforme Lil (2009), por meio das mitologias havia a crença de que o sangue existente no útero era divino, e através dele e de movimentos capazes de abalar o sangue surgiria a maternidade. Nessa época predominava a “Religião Matriarcal” tendo como preponderante o poder materno.

Mais tarde, entre o período Paleolítico e Neolítico da pré-história, quando o homem obtém algumas conquistas, entre elas o domínio do fogo, a agricultura e a domesticação que possibilitaram a sedentarização, é que o homem passa a observar através dos animais a participação do macho na reprodução. Com isso, logo concluiu que com a mulher não seria diferente. A partir daí, a mulher começa a perder a personificação de “Deusa”. Com a descoberta de que também participa da geração da vida, o homem passa a exercer seu domínio sobre a mulher. E esta, segundo Macedo (1992), passou a ser vista como fonte do Pecado Original, causadora da perdição do homem. Nesta etapa, a mulher personificada em Eva, era considerada como tentadora, como centro de todos os vícios, aliada do demônio para levar o homem ao fracasso. Como nos diz Macedo, “O desejo, obra do diabo, destrói o homem. A mulher, inspiradora do desejo, é por excelência agente do mal, causadora do desespero, da morte, da danação eterna do sexo masculino.” (1992, p. 45)

Posteriormente, no decorrer da Idade Média é festejada a imagem do sexo feminino como símbolo de pureza, de santidade por ser agora vista à imagem da Virgem Maria, a mulher símbolo, venerável, redentora dos pecados. Essa cultuação da Virgem Maria, conforme Richards (1993), propiciou a mulher duas características nobres: a de permanecer

virgem como forma de lutar contra o pecado de Eva e a maternidade como função perfeita para as que não se adequavam a vida religiosa. Com isso vemos que a imagem da mulher era tida de maneira dual. Ora vista como fonte de todo o mal, como o inferno do sexo masculino; ora como santificada, redentora dos pecados. Apesar dessa imagem santificada, a mulher não deixou de ser considerada a responsável pela queda dos seres humanos no pecado na visão de alguns teólogos. Conforme Macedo (1992), para a moral cristã a dominação do marido e as dores do parto eram tidos como castigos para a mulher. Durante muito tempo a mulher esteve juridicamente despersonalizada, reduzida ao âmbito familiar e aos trabalhos domésticos, submetidas aos pais e aos maridos.

A mulher era vista também como o sexo frágil frente aos perigos da carne, segundo Macedo (1992), para a moral cristã esta fragilidade aprisionava o corpo e impedia que se voltasse para Deus. A moral cristã condenava os prazeres físicos, então se procurava limitar ao máximo a sexualidade. Conforme Richards (1993), a igreja se esforçava para obter controle sobre a sexualidade, então a igreja almejava encaminhar a relação sexual para dentro do casamento e exercer controle sobre ele limitando-o ao ato de procriar e mais nada. Sem amor, de acordo com Macedo (1992), o casamento era um pacto permeado de interesses entre duas famílias. Não havia nenhuma possibilidade de escolher marido. O casamento era o que esperava a maioria das mulheres. Dentro deste, como nos diz Richards (1993), a mulher deveria obedecer ao seu marido, ser submissa a ele. Para os religiosos o casamento seria uma maneira de controlar a sexualidade, o ato sexual deveria existir para haver procriação, não para sentir prazer. Acerca do controle da igreja sobre a sexualidade no casamento, relata Richards (1993, p. 39),

A Igreja regulamentava a atividade sexual dentro do casamento, proibindo-a em todos os dias de festas religiosas e jejuns..., aos domingos e nos períodos em que se considerava que a esposa estivesse impura (durante as regras menstruais, durante a gravidez, o aleitamento e por quarenta dias após o parto).

A igreja determinava até a maneira que deveria ocorrer a relação sexual, a mulher embaixo de frente para o homem que também ficaria de frente por cima da mulher. Dessa forma reforçando a relação de superioridade do homem e inferioridade da mulher. Os religiosos como apresenta Richards (1993), estimulava os casais a praticarem o sexo apenas a noite e não totalmente nus. Isso comprova a percepção do sexo como algo vergonhoso. Por meio das visões que se teve sobre o sexo feminino, ligada fortemente a uma fonte de vícios

maléficos como a luxúria, a sensualidade, a sexualidade, que tira o sossego do homem foi que a igreja tentou controlar as manifestações desse ser procurando exercer poder sobre o casamento e a prática sexual demonstrando hostilidade em relação à mulher. Assim como a mulher deveria submissão ao marido, este deveria amá-la na condição de renovação em Deus e odiar nela a condição de um ser provocador do desejo sexual. Como ditava as leis religiosas, o sexo era visto muitas vezes como abominável.

Porém, como dito inicialmente, nem sempre a sexualidade foi percebida como algo vergonhoso. Como nos mostra Ariés (1978), bem antes do século XVII a questão da sexualidade era tratada sem pudor. Os fatos aconteciam normalmente, não havia repressões, apenas alegrias, as pessoas se divertiam com as descobertas das crianças e as incentivavam. Segundo Dornelles (2005) no século XVI as crianças participavam na rua de eventos, adquiriam conhecimento de vida interagindo com os adultos. Não havia separação entre crianças e adultos, a liberdade de linguagem era considerada natural. Sobre essa liberdade entre as pessoas relata o Pe. Dainville apud Ariés (1978, p. 77) “Os adultos se permitiam tudo diante delas: linguagem grosseira, ações e situações escabrosas; elas ouviam e viam tudo.” Naquela época ocorriam fatos que Ariés (1978) chama de “anormalidade sexual”, considerados chocantes atualmente. Isso prova que a questão da sexualidade varia de acordo com a sociedade, com o tempo e mentalidades.

Com a influência da igreja sobre o casamento com o propósito de encerrar dentro deste as manifestações da sexualidade, foi que, como diz Dornelles (2005), se fundiu no século XVIII um processo iniciado no fim da Idade Média, a família, que tinha como princípio o matrimônio sendo o homem o redentor do poder. Vimos qual o interesse da igreja ao incentivar o casamento, pois como diz Foucault apud Dornelles (2005, p.40),

[...] na medida em que quando quiser obter alguma coisa da população – quanto aos comportamentos sexuais, à demografia, ao consumo, etc. – é pela família que se deverá passar. De modelo, a família vai tornar-se instrumento, e instrumento, privilegiado, para o governo da população [...]

No início do século XVIII, segundo Foucault (1999), a sexualidade não estava diretamente ligada ao ato sexual, mas “ao poder”. Devido à hegemonia da família, aos movimentos industriais da época os assuntos relativos ao corpo e a sexualidade passaram a ser tratados pela a igreja e médicos. Procuravam, por causa disso, controlar os hábitos das

pessoas. Os corpos começam a ser controlados, com o surgimento e a hegemonia da família a sexualidade é “cuidadosamente encerrada”, aprisionada dentro de casa na função de procriar, como já mencionado. E em cada família o único lugar restrito à sexualidade era o quarto dos pais, o resto, as palavras, os gestos foram escondidas. Diz-nos Foucault que, através da confissão a igreja controlava esses atos, desejos e pensamentos que envolviam os atos sexuais. É notória a forte presença da igreja em tentar barrar os assuntos referentes ao sexo e procuravam fazer isto através das confissões dos fiéis. Contudo, não foram silenciadas as questões ligadas à sexualidade, mas sim se passou a falar dessa questão de outra forma, de uma maneira mais refreada. Através do exposto, é possível verificar que havia uma busca constante pelo controle da sexualidade, do corpo, uma tentativa de minimizar os gestos, as conversas soltas sobre a sexualidade.

Não é fácil para muitas pessoas lidar com esse assunto, mas é correto afirmar que essa dificuldade surge por causa da falta de conhecimento acerca do tema. Para alguns/algumas parece ser constrangedor quando, principalmente as crianças manifestam suas curiosidades a respeito da sexualidade. Essa é uma questão delicada de se trabalhar devido à falta de compreensão sobre o que é sexualidade. Durante muito tempo a sexualidade foi vista como algo livre, as conversas sobre o assunto ocorriam abertamente, como diz Foucault (1999), os assuntos eram “frouxos”, em outro período passou a ser percebida por muitos e ainda é percebida hoje por alguns como algo vergonhoso, que não se pode falar abertamente.

Segundo Ariés (1978), as manifestações da sexualidade aconteciam livremente na frente de crianças porque se acreditava que ela fosse alheia a sexualidade, logo tudo era permitido em sua presença, porém ao atingir a puberdade essas manifestações passavam a ser proibidas. Segundo Carrara (2004), por meio de muito estudo e vários trabalhos com seus/suas pacientes Freud desenvolve um trabalho a respeito da sexualidade infantil, o que escandaliza a sociedade da época. Sendo o pioneiro a tratar sobre o tema, Freud traz o entendimento da sexualidade um tanto diferente daquele que se tem no senso comum. Para ele, a sexualidade não se limita ao organismo biológico, mas é produzida por uma psicosexualidade referente ao desenvolvimento da personalidade humana, ou seja, a sexualidade não se restringe aos órgãos genitais, ao ato sexual em si, mas é, e deve ser compreendida como uma das muitas expressões da personalidade.

Com isso, Freud quebra uma das crenças sobre a teoria da sexualidade que era tê-la como própria da puberdade. Como já mencionado, muitos acreditavam que a criança era um

ser desprovido de sexualidade e que só a despertaria no período da puberdade. Porém para Freud isso é um grande equívoco, pois as manifestações da sexualidade estão presentes na vida humana desde a infância até o último dia de vida, está presente nas nossas relações sociais e consigo mesma. Freud (1905) descreve em sua obra *Três Ensaios sobre a Sexualidade* as manifestações da sexualidade, agrupando-as em cinco fases:

- **ORAL:** Nessa fase a boca, os lábios e a língua constituem os órgãos do prazer. Os desejos e satisfações são orais e o prazer está no ato de sugar;
- **ANAL:** O ânus é que constitui a zona do prazer. A satisfação e insatisfação estão ligadas a retenção das fezes ou expulsão. É a fase do controle dos esfíncteres.
- **FÁLICA:** Aqui, a principal zona de prazer passa a ser os genitais. Chama-se fálica porque o pênis (*falo*) é o principal interesse das crianças. Nessa fase surgem curiosidades referentes às diferenças entre meninos e meninas, como surgem os bebês, entre outras. É a fase em que se começa a construir uma identidade enquanto ser;
- **LATÊNCIA:** É um período mais calmo, refere-se aos anos iniciais de escolarização. Nessa fase surgem embaraços mentais que tentam impedir as manifestações da sexualidade que Freud denominou de repugnância, vergonha, moralidade. Aqui o desejo volta-se para aquisição de valores culturais como a leitura e escrita;
- **GENITAL** ou fase adulta, é a fase dos interesses heterossexuais.

Por meio da teoria Freudiana, podemos afirmar que a sexualidade é tudo o que nos proporciona prazer e que está presente em toda e qualquer atividade do ser humano. Meira apud Dantas e Meireles (2009, P. 85) nos traz a compreensão de que,

A sexualidade própria de cada pessoa, a meiguice, carinhos, carências, os afetos, impulsos sexuais, socialização, agressividade, a forma cortez ou grotesca de se comunicar com os outros, a colocação da voz através do seu timbre, tonalidade e velocidade, o nível de simpatia ou antipatia, a maneira de se vestir e se produzir, o grau de inibição e a capacidade de atrair o outro, as preferências sexuais, desejos, fantasias, as manifestações da excitação do corpo, etc., caracterizam o que chamamos de sexualidade.

Seria correto afirmar que o ser humano exala sexualidade, pois ela está presente em cada gesto, olhar, passo, enfim, as manifestações da sexualidade são características da personalidade humana, faz parte da vida, ressaltando, não se limitando ao coito como é considerado no senso comum, mas indo, além disso. Entretanto, mesmo sabendo que a sexualidade faz parte do nosso ser ainda é, para muitos, um tema delicado e difícil de ser abordado por muitos/as educadores (as). A sexualidade está sendo exposta através de vários mecanismos na sociedade, as crianças a todo o momento estão vendo e, expressando sexualidade, mesmo assim muitos/as professores (as) não conseguem encarar as manifestações da sexualidade infantil como algo natural.

Atualmente, estudos sobre a sexualidade, como o de Carvalho, Andrade e Junqueira (2009), analisam a sexualidade infantil como a procura pelos prazeres imaginários, não restringidos às necessidades fisiológicas ou afetivas. Podemos dizer que, essa busca de prazer imaginário está em nosso inconsciente, como nos sonhos, desejos, fantasias, entre outros. A autora e os autores, ainda diferenciam sexo e sexualidade, consideram o termo sexo como sendo as características relacionadas à anatomia e fisiologia do corpo humano e, sexualidade como a demonstração de busca em saciar desejos e prazeres.

Picazio (1999) também divide a sexualidade em quatro aspectos, são eles o sexo biológico, referentes às características genéticas; a identidade sexual relacionada ao conceito de quem somos ou acreditamos ser; os papéis sexuais definidos como o comportamento do ser homem ou mulher na sociedade; e por fim a orientação do desejo, este aspecto está voltado para o sentimento de desejo que se sente pelo o outro com quem se deseja manter um relacionamento. Todos esses aspectos são definidos, ou melhor, moldados pela sociedade em que vivemos, pela família, pela escola, pelo outro com quem convivemos. A cada época esses aspectos tiveram e têm um tratamento diferenciado, ou seja, a sexualidade humana sofre as transformações históricas, sociais e culturais, sendo essas manifestações, como já dito, expressas de acordo com cada época e lugar.

2.4. TEMAS TRANSVERSAIS E OS PCN's

Devido às inquietações no plano político, econômico e social do país e do mundo é visto a necessidade de fazer modificações também no plano educacional, mas com objetivos

voltados para atender ao mercado de trabalho. Para isso foram criadas várias leis com a intenção de atender a esse objetivo como, por exemplo, o Plano Decenal da Educação para Todos divulgado nos anos 90, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação aprovada em 1996, entre outros.

Conforme Martins e Valente (2008), a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (9394/96) é colocado como objetivo que a educação tenha um caráter formativo e não de acúmulo de saberes. Através disso, foram elaborados os Parâmetros Curriculares Nacionais a fim de atender aos objetivos da LDB. Em 1997 o MEC lança os PCN's, construído por um grupo de educadores visando a realidade atual do Brasil. Uma das propostas dos PCN's é promover o desenvolvimento integral dos/das alunos (as), e para isso traz os Temas Transversais que “juntamente com as disciplinas, objetiva a abordagem de conhecimentos específicos juntamente com os valores e condutas que propiciarão ao aluno a possibilidade de participar ativa e construtivamente da sociedade.” (MARTINS e VALENTE, 2008, p. 20)

Os Temas Transversais são assuntos que devem ser abordados em todas as disciplinas escolares, ou seja, o trabalho sobre Orientação Sexual como tema transversal, segundo a proposta dos PCN's, se dará articulada com outras áreas de conhecimentos.

Segundo os PCN's, o debate sobre a inclusão da temática da sexualidade começou a ganhar ênfase a partir dos anos 70, houve uma retomada dessa questão junto com os movimentos sociais, por ser considerado um assunto importante a ser tratado. A partir dos anos 80 aumenta a preocupação com relação ao aumento de gravidez indesejada, com isso aumenta a demanda por trabalhos na área da sexualidade. Nesta época começou a ser considerado relevante que as crianças e jovens conhecessem mais sobre o seu corpo, e isso iria acontecer no ambiente escolar, porque ainda havia, e há atualmente em alguns casos, certa dificuldade de dialogar no âmbito familiar sobre a sexualidade, também pela falta de conhecimento sobre o assunto. Como a mídia, a publicidade, o mercado faziam e fazem uma implicação abusiva a respeito desse tema, sente-se a necessidade de se incluir a orientação sexual como tema transversal.

A sexualidade é algo que está por natureza, inseparavelmente ligado ao ser humano, logo as manifestações da sexualidade se dão todos os dias de nossa vida, em todos os momentos. Dessa maneira, estamos sempre respondendo a essas expressões, seja na escola ou em casa. Essas respostas se dão através de nossos atos, como ocultar, reprimir as curiosidades das crianças.

A família realiza a educação sexual dos filhos por meio dos comportamentos dos pais, dos cuidados e das proibições. A família é o primeiro educador da criança, é onde receberá com maior ênfase as informações a partir das quais construirá sua sexualidade. Como diz os PCN's (2001), "A sexualidade é primeiramente abordada no espaço privado, pelas relações familiares. Assim, de forma explícita ou implícita, são transmitidos os valores que cada família adota como seus e espera que as crianças assumam."

Na escola, respostas como a de ignorar as manifestações das crianças resulta de uma visão de que esse assunto deva ser tratado pela família, então quando as crianças não estão saciadas com o resultado dos pais e professores (as) buscam informações em outras fontes, que estão bombardeando influências na formação da sexualidade infantil como a mídia, imagens em cartazes, outdoors, novelas, todos esses subsídios contribuem para uma construção de conceitos às vezes falsos sobre sexualidade. Dessa maneira, a escola sempre se posiciona em relação às manifestações da sexualidade seja quando reprime ou permite. De acordo com os PCN's (2001, p. 121),

De forma diferente, cabe à escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a construir um ponto de auto-referência por meio da reflexão. Nesse sentido, o trabalho realizado pela escola, denominado aqui Orientação Sexual, não substitui nem concorre com a função da família, mas a complementa. Constitui um processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar, exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais da educação.

A sexualidade é um assunto que não deve ser ignorado e sim discutido, como propõe o PCN, as escolas devem trabalhar o tema sem caráter hostil, nem de aconselhamento. Como a sexualidade faz parte do desenvolvimento humano, sendo construída e marcada pelos aspectos históricos, culturais e sociais é função da escola trabalhar as diferentes visões, crenças e preconceitos existentes na sociedade a respeito desse assunto. A escola deve abordar o tema em sala de aula, ouvir as diferentes opiniões, não incentivando decisões, mas discutindo informações colocadas pela mídia, família, sociedade, a fim de explicar algumas dessas informações. A partir das discussões os/as alunos (as) poderão fazer suas conclusões e decisões. Quanto a postura do/da educador (a), os PCN's alerta para que o/a docente perceba as manifestações das crianças como normais, tenha uma formação específica, pois como sabemos enquanto profissionais da educação devemos estar sempre em busca de atualizar

nossos conhecimentos com a finalidade de melhorar a prática em sala de aula objetivando auxiliar um bom desenvolvimento das crianças em todos os aspectos.

Para que a sexualidade seja trabalhada naturalmente, é preciso que o/a professor (a) veja e entenda a sexualidade como algo próprio do ser humano, e tente se libertar das visões preconceituosas que carrega consigo, pois, a formação sexual da criança presente na sala de aula dependerá da formação sexual do/da professor (a). O/A educador (a) deve se posicionar eticamente diante das expressões dos/das infantes, além de apresentar disponibilidade para atender os/as alunos (as). Conforme o PCN, o trabalho do/da docente deve transmitir a igualdade de gênero, respeitar e compreender o contexto em que as crianças estão inseridas, assim também, como os conhecimentos que trazem para sala de aula.

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI, 1998, p. 17), lançado em 1998, que teve como base os PCN's, também traz a importância de se trabalhar a sexualidade na educação infantil, "A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com o prazer, necessidade fundamental dos seres humanos."

O/ A professor (a) precisa compreender a sexualidade como um fenômeno amplo, histórico, cultural e inerente a vida humana, isso contribuirá para que possa enxergar as manifestações das crianças como normais, como busca de atender as suas curiosidades. A criança construirá seus valores dependentes das reações que teremos ao vê-la praticando suas explorações. Se o/a docente quiser auxiliar o desenvolvimento integral das crianças, inicialmente, terá que olhar para si e tentar livrar-se de suas deficiências.

2.5. O CORPO HUMANO E SUAS DESCOBERTAS – ASPECTOS DE GÊNERO

Biologicamente possuímos hormônios que atuam no desenvolvimento das características sexuais responsáveis pela reprodução. Segundo Guyton e Hall (2006), o hormônio chamado androgênio é responsável por caracterizar o corpo humano masculino, já o hormônio responsável por caracterizar o corpo feminino é o estrogênio. O androgênio, hormônio sexual masculino, inclui a testosterona que é responsável por caracterizar as especificidades no corpo do homem. Os estrogênios são responsáveis pela formação da maior parte das peculiaridades do corpo humano feminino. Outro hormônio importante que também

atua no desenvolvimento do corpo da mulher são as progestinas que prepara o útero e as mamas para a gestação e lactação.

A testosterona começa a ser elaborada pelos testículos fetais masculinos aproximadamente na sétima semana de vida embrionária. De fato, uma das principais diferenças funcionais entre os cromossomos sexuais masculinos e os femininos é que o cromossomo masculino faz com que a saliência genital recém-desenvolvida secrete testosterona, enquanto o cromossomo feminino faz com que secrete estrogênios. [...] Assim, a testosterona, secretada inicialmente pelas saliências genitais e posteriormente pelos testículos fetais, é responsável pelo desenvolvimento das características do corpo masculino, incluindo a formação de um pênis e de um saco escrotal, em vez de um clitóris e uma vagina. Ainda, a testosterona induz a formação da próstata, das vesículas seminais e dos ductos genitais masculinos, enquanto ao mesmo tempo, suprime a formação dos órgãos genitais femininos. (GUYTON e HALL, 2006, p. 1004)

Os gonadotrópicos, hormônios encontrados na glândula hipófise, localizada na base do cérebro, são os responsáveis pelos hormônios masculinos e femininos que atuam no desenvolvimento do corpo humano com intensidade de ação diferenciada em cada fase da vida, ocorrendo, segundo Lopes (2002), de forma lenta na infância, intensificando a partir da puberdade e decaindo na velhice.

Os seres humanos carregam, em seu interior, pares de cromossomos que levam, numa gestação, ao desenvolvimento do sexo da criança. Conforme Guyton e Hall (2006), o ser humano possui 46 cromossomos, distribuídos em 23 pares. O homem traz em seu espermatozóide um cromossomo feminino denominado X e um cromossomo masculino chamado Y; já a mulher carrega no óvulo um par de cromossomos X, logo o homem tem maior influência na determinação do sexo da geração.

Portanto, se um cromossomo X de um espermatozóide combinar-se com um cromossomo X de um óvulo, gerando uma combinação XX, nascerá uma criança do sexo feminino, [...] Mas se um cromossomo Y de um espermatozóide combinar-se com um cromossomo X de um óvulo, gerando uma combinação XY, nascerá uma criança do sexo masculino. (GUYTON e HALL, 2006, p. 1004)

Conhecer essas e outras características, e acontecimentos que levam ao desenvolvimento do corpo humano são de suma importância para que se possa conhecer-se um pouco melhor. Porém, não é apenas o aspecto biológico que formam o homem e a mulher, principalmente seus comportamentos. As diferenças biológicas, como já mencionadas, é apenas o ponto de partida para que se estabeleçam as divisões de papéis, comportamentos,

pensamentos e atitudes para os gêneros masculinos e femininos. O homem e a mulher são moldados a seguir as crenças e valores de sua cultura de acordo com o meio onde interagem e a educação que recebem. Por isso, o ser humano apresenta segundo Hall (2006), uma identidade inconstante, diferente, de acordo com o momento vivenciado. O ser humano é formado na existência do outro, buscando, assim, formar sua identidade na alteridade. A mediação ou a interação com o outro contribui fortemente para a descoberta do ser homem ou mulher na sociedade.

Com relação a essa modelagem de seres, Foucault (apud LOURO 1997) nos fala sobre as relações de poder presente nas interações pessoais. No meio familiar os corpos das crianças são moldados e reprimidos, são negados e criados conforme a educação que os/as responsáveis lhes proporcionam. Segundo Louro (1997), as relações de poder alteram os comportamentos espontâneos, modelam as pessoas de acordo com o que consideram coerente para o convívio.

Homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também, através de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas (e, usualmente, diversas). Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder. (LOURO, 1997, p. 41)

As várias formas de ‘criar’ os corpos negam o conhecimento de que precisamos para que possamos nos conhecer melhor. Muitas vezes a educação que recebemos deixa lacunas em nossa formação enquanto meninos e meninas. Por meio disto, tentamos preenche-las buscando informações em outras fontes como amigos (as), vizinhos (as), livros, a mídia, a internet. A televisão, por exemplo, a todos os momentos exhibe filmes, novelas, programas e comerciais com uma carga muito grande de erotismo o que vem a despertar ainda mais a curiosidade das crianças.

Os PCN’s abordam que o trabalho sobre o corpo deve ser realizado de maneira integral incluindo desde a anatomia até os sentimentos, as sensações e mudanças que ocorrem ao longo da vida. “Há que se considerar, portanto, os fatores culturais que intervêm na construção da percepção do corpo, esse todo que inclui dimensões biológicas, psicológica e social.” (PCN’s, 2001, p. 140). O trabalho sobre o corpo humano deve ser apresentado às crianças menores envolvendo os sentimentos, as reações e expressões que o corpo exerce diante de algum estímulo; os órgãos reprodutivos e as zonas de prazer (erógenas) da parte externa de sua anatomia.

Alguns/Algumas professores (as) não percebem a manipulação dos órgãos genitais ou o toque no próprio corpo, ou no corpo do/da colega como procura pelo conhecimento de si e do outro. Ao notar essas manifestações, o/a educador (a) poderia trabalhar de maneira mais intencional o conteúdo referente ao corpo humano, sobre os cuidados que se deve ter com o próprio corpo e o corpo do outro.

No entanto, o que constatamos em alguns livros didáticos e apreciando as aulas de alguns/algumas professores (as) da educação infantil durante os períodos de estágio docente, é que quando chega o momento de trabalhar o corpo humano com os/as pequenos (as) é apresentada apenas a parte física incluindo cabeça, tronco, membros superiores e inferiores, e os órgãos dos sentidos, mas é apenas disso que o corpo é composto? Muitas vezes esses assuntos são apresentados de maneira superficial, somente para cumprir o currículo escolar, deixando de lado promover uma aprendizagem significativa e o esclarecimento de dúvidas sobre o corpo que, as vezes, aparecem implicitamente no mundo infantil.

As imagens explicativas, presente em alguns livros didáticos, relacionadas ao corpo aparecem muitas vezes cobertos, o que contribui de certa forma, para a ilusão de que esse assunto é vergonhoso de se trabalhar de que não se devem mostrar tudo as crianças. Assim, as crianças não podem verificar nas imagens uma das diferenças entre meninos e meninas que são as genitálias. Contudo, é evidente que um/uma bom/boa professor (a) não ficará preso ao livro didático, pois segundo Delizoicov (2009), o livro didático não pode ser o norte do exercício pedagógico. Logo, o/a docente buscará tornar sua prática mais significativa procurando fontes relevantes para complementar o ensino, sobretudo, de temas que instigam prazer em conhecer, principalmente, sobre o próprio corpo.

Segundo Gurgel (2010, p. 61) “a descoberta de que o corpo é uma importante fonte de prazer costuma vir acompanhada de perguntas sobre a sexualidade.” Logo, conhecer o próprio corpo faz parte das expressões da sexualidade, é natural a criança querer observar o próprio corpo ou o corpo de outra pessoa, o que, como diz Gurgel (2010), causa “constrangimento ao adulto”, e isso ocorre devido à falta de conhecimento acerca da naturalidade sobre essas manifestações dos/das infantes e aos valores que trazemos. Através disto, entra em cena a modelagem dos comportamentos, pois muitas pessoas por não compreenderem o motivo das muitas expressões das crianças e como lidar com elas acabam repreendendo, às vezes, até agredindo. As crianças buscam respostas para o que não estão entendendo e agindo dessa maneira há a possibilidade de causar marcas que ficarão presente durante toda vida. São nessas expressões que os/as pequenos (as) procuram o conhecimento de si, tentam encontrar-se nas diferenças.

Segundo Angotti (2006), o corpo humano deve ser considerado em todos os momentos educativos, precisa ser visto e utilizado como mais um instrumento que possibilita aprendizagem. “O corpo deve ser entendido e trabalhado enquanto primeiro brinquedo e instrumento de ludicidade infantil” (Angotti, 2006, p. 21), pois a partir do próprio corpo a criança irá interpretar o mundo onde vive através das suas observações, expressando, livremente, suas leituras de mundo de acordo com o contexto em que está inserido. O trabalho sobre o corpo com caráter intencional educativo levará a criança à construção do conhecimento de si, do que é, do que pode ser e do meio onde vive, podendo, dessa maneira, entender um pouco os acontecimentos que a rodeia criando possibilidades de intervenção no mundo em que vive.

Sabemos que as crianças apresentam uma grande curiosidade quando se trata do corpo humano, principalmente, no que se referem às diferenças. Por isso, é indispensável que o/a docente esteja apto a trabalhar tal temática em sala de aula, e, sobretudo ter conhecimento técnico-científico para “alimentar” a curiosidade dos/das pequenos (as), sempre considerando o conhecimento que as crianças trazem consigo para a sala de aula, respeitando os valores dos/das alunos (as). São explícitas as dificuldades que os/as educadores (as) enfrentam para assumirem uma sala de aula, especialmente no que se refere à remuneração, mas se escolhem essa profissão sabem dos desafios que irão enfrentar.

As escolhas implicam desafios, compromissos e vitórias, então o/a ser humano (a) que escolheu, conscientemente, A profissão de educador (a) precisa fazer com competência, desejando desempenhar cada vez melhor a carreira que optou. Tendo em mente a responsabilidade que traz em ajudar a criança a realizar suas descobertas. Deste modo, o/a professor (a) precisa estar preparado para lidar com as curiosidades das crianças, possuindo conhecimento sobre o assunto que acorda vontade de saber mais, que é o próprio corpo. Conforme os PCN’s o corpo é a fonte da procura pelo ser, sendo considerado como num meio abundante de assuntos e debates, que vai além do que se costuma conter nos estudos da sua anatomia e fisiologia.

A escola, conforme os PCN’s – Orientação Sexual tem como função esclarecer as dúvidas, informar, buscar incentivar o cuidado e valorização com o próprio corpo. A escola deve abordar o trabalho sobre o corpo sob o ponto de vista psicológico, psíquico e sociocultural sem que haja invasão nas crenças dos/das alunos (as). O/A professor (a) precisa reconhecer que a investigação que as crianças fazem sobre o corpo, são naturais no processo de desenvolvimento do ser humano. Em sala de aula não se deve ignorar o que acontece em

nossa realidade, o que faz parte nós. É necessário que se explique os acontecimentos de forma proveitosa, que a criança possa compreender que não é feio se descobrir, mas que existem os momentos adequados para isso. Claro, devemos esclarecer de acordo com as especificidades de cada um, não como se fosse impondo regras, mas tentando informar o motivo das reações que o corpo manifesta diante de algo.

2.6. ENSINAR E APRENDER ATRAVÉS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Em sala de aula é essencial buscar sempre novas formas para envolver as crianças nas atividades e temas que estão e irão ser trabalhados, a fim de proporcionar melhor entendimento sobre determinado assunto de maneira lúdica. Com isso, para que pudéssemos mesclar as questões de gênero, sexualidade e ludicidade, optamos por apresentar as crianças esses temas, causadores de muitas curiosidades, por meio de um teatro de fantoches objetivando favorecer uma melhor compreensão e receber no momento a atenção e envolvimento dos/das pequenos (as).

No período de observação em sala de aula para o desenvolvimento desta pesquisa, notamos que as professoras sempre contavam histórias após o recreio para que as crianças pudessem relaxar. A professora do Infantil IV¹ é a mais criativa, pois seleciona a história e, de acordo com a narrativa, prepara o ambiente, faz teatro com as próprias crianças, prepara máscaras das personagens da história, conta a história fora da sala de aula, entre outras. Isso é bastante importante para o desenvolvimento das crianças instigando a capacidade de criar, recriar, imaginar o impossível. Podemos perceber o entusiasmo das crianças quando o/a professor (a) inova sua ação em sala de aula para contar histórias ou para falar sobre algum assunto. Segundo Sandroni e Machado (1986, p. 25),

As crianças, além de devotarem uma enorme atenção à história (e o professor sabe o quanto isso significa em termos de audição reflexiva, estímulo à imaginação e organização do pensamento) sentem-se estimuladas a ler os livros por si mesmas ou a buscar outros sobre o mesmo assunto.

Através da contação de histórias a criança sente gosto pela leitura, fazem suas próprias leituras por meio das imagens, começam, dessa forma, a se constituírem como leitores. A respeito disso Abramovich aborda sobre a importância que tem as crianças ouvirem diversas

histórias desde bem pequenos para que venham a tornarem-se bons leitores. Kuhlthau (2002, p. 50) nos diz que,

Antes que possam ler sozinhas as crianças devem escutar histórias, a fim de desenvolver o interesse pelos livros e conscientizar-se da variedade de livros disponíveis. Quando estão aprendendo a ler, a escuta de histórias funciona como influência modelizadora para a leitura. [...] As crianças vivenciam o prazer e os sentimentos criados pela leitura.

O modo como o/a educador (a) narra os acontecimentos da história faz com que a criança se volte para o seu mundo imaginário o qual é permeado por super heróis, fadas, duendes, monstros, dragões, gigantes, tudo o que a imaginação é capaz de criar. De acordo com Brandão (2009, p. 120) “[...] a infância é a época em que as fantasias precisam ser nutridas, em que o mundo fantástico do faz de conta leva a criança à compreensão da complexidade em que vivem os adultos.” É de bastante relevante que o/a professor (a) das séries iniciais carregue em sua prática o ato de contar histórias para seus/suas alunos (as), pois isso contribuirá para o desenvolvimento da aprendizagem discente. Sobre isso, Filho (1995, p. 87 – 88) aborda que,

É importante que o professor das séries iniciais do 1º grau conte histórias para seus alunos e também lhes leia em voz alta. No início do primeiro segmento do ensino fundamental, os alunos começam a se apropriar do processo de leitura [...]. Eis aqui, ao nosso ver, um bom caminho para promover a leitura na sua ampla e rica dimensão: a descoberta e atribuição de sentidos, carregando a leitura de significações. O leitor, entendendo o texto, procura se entender e busca também o entendimento do próprio mundo em que se situa.

Durante o período de observação, percebemos que os livros de literatura infantil estão sempre ao alcance das crianças para que possam manuseá-los e realizar leituras à sua maneira. Presenciamos momentos em que algumas crianças formavam grupinhos e contavam histórias para outras. O ato de contar histórias deve estar presente em sala de aula desde a educação infantil ao 5º ano do ensino fundamental I para que as crianças possam se identificar com a leitura, entretanto não deve acontecer como um momento para ocupar o tempo das crianças, mas deve ser, assim como as outras atividades, planejada e intencional. O/A professor (a) pode envolver as crianças na contação de histórias, fazendo-as participarem, tudo ocorrerá conforme a criatividade do/da docente.

3. METODOLOGIA

3.1. Tipo de Pesquisa

Para desempenhar este trabalho de cunho teórico, acerca das relações de gênero, sexualidade e a prática docente na escola, utilizamos uma pesquisa prática, empregando uma abordagem qualitativa descritiva e analítica.

3.2. Local da Pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma instituição privada com o nome de Escola Sonho de Criança (ESC), com o corpo docente composto apenas por mulheres, localizada no município de Remígio, na Rua Pedro Gonçalves de Lima, número 85, no bairro centro. Preferimos denominar os seres desta pesquisa por letras distribuídas de **M** a **Q** como exposto abaixo. Os seres investigados desta pesquisa foram crianças e professoras da Educação Infantil e Ensino Fundamental.

3.3. Etapas:

Com base nos objetivos almejados para desenvolver a presente pesquisa sobre como são consideradas as questões de gênero e sexualidade no âmbito escolar, realizamos observações em sala de aula, a fim de identificarmos os conhecimentos que as crianças têm sobre o corpo, objetivando identificar, um pouco, como as professoras da escola campo de pesquisa tratam acerca das expressões da sexualidade e gênero.

Dessa maneira, observamos o trabalho das professoras no cotidiano na escola com ênfase nas relações entre professor (a) e aluno (a).

3.3.1. MOMENTO I – Período de observação em sala de aula

As observações foram realizadas no período de Agosto de 2011 a Novembro de 2011, durante o turno tarde, distribuídas da seguinte maneira: de 01/08/2011 a 28/08/2011 tivemos contato com a turma do Infantil IV¹ envolvendo 20 crianças, sendo 12 meninas e 8 meninos, sob a orientação da professora **M** com graduação em Pedagogia e especialização em Psicopedagogia, apresentando 8 (oito) anos de atuação; de 29/08/2011 a 23/09/2011 estivemos na turma do Infantil IV² com 17 crianças, sendo 12 meninos e 5 meninas, sob

orientação da professora **N** com graduação em Pedagogia, apresentando 4 (quatro) de atuação; de 26/09/2011 a 21/10/2011 observamos a turma do Infantil V com 30 crianças, sendo 13 meninas e 17 meninos, sob orientação de duas professoras: **O** como titular, com graduação em Pedagogia e especialização em Psicopedagogia, com 10 (dez) anos de atuação e, **P** como monitora graduanda em Letras – Português apresentando 10 meses de atuação em sala de aula; e, de 24/10/2011 a 18/11/2011 fomos para o 1º ano do Ensino Fundamental I composto por 25 crianças sendo 15 meninas e 10 meninos, orientados (as) pela professora **Q** com formação no magistério e graduanda em Pedagogia, trazendo consigo 8 (anos) de experiência em sala de aula.

3.3.2. MOMENTO II – Aplicação do Questionário com as Professoras

Após as observar a realidade em sala de aula e tendo presenciado algumas expressões das crianças e professoras relacionadas às questões de gênero e sexualidade, aplicamos um questionário no 22/11/2011 (em anexo) com perguntas semiaberta, contendo num total de 5 (cinco) questões. As respostas advindas deste questionário foram confrontadas com as observações realizadas.

3.3.3. MOMENTO III – Sensibilização com as Professoras

Para que nossa ação tivesse um sentido mais completo realizamos, no dia 29/11/2011, uma sensibilização com as professoras sobre o tema em estudo. Neste momento, discutimos o texto “Educação Sexual - Eles querem falar de sexo” de Paola Gentile, encontrado na Revista Nova Escola de abril/2006.

3.3.4. MOMENTO IV – Ação Lúdica com crianças e Professoras

Organizamos uma ação lúdica para as crianças e professoras, que consistia em uma roda de diálogos sobre “a descoberta do corpo”, tendo como recurso o uso de fantoches e o livro “**Menino Brinca de Boneca?** (2001) de Marcos Ribeiro. Realizamos este ato em cada turma alvo da pesquisa, distribuímos desse modo: no dia 12/12/2011 aplicamos a ação na turma do Infantil IV¹; no dia 13/12/2011 estivemos com as crianças e professora do Infantil IV²; posteriormente em 14/12/2011 estivemos com os/as pequenos (as) do Infantil V; e no dia 15/12/2011, dialogamos com as crianças do 1º ano do Ensino Fundamental I.

3.4. RESULTADOS E ANÁLISES DOS DADOS

Separamos o questionário por perguntas, extraímos as respostas de cada professora, no total de 5 (cinco) respostas para cada item, para que pudéssemos obter uma melhor compreensão das informações. A partir disto, realizamos uma análise respaldada teoricamente e nas observações feitas em sala de aula.

3.4.1. ANÁLISE SOBRE O QUESTIONÁRIO APLICADO

1. O que você entende por sexualidade?

P M: Sexualidade refere-se ao desenvolvimento, comportamento e o desenvolvimento sexual das crianças.

P N: Sexualidade para mim é um termo amplo que engloba vários fatores e dificilmente se encaixa em uma definição única.

P O: Entendo por sexualidade um conjunto de características físicas que o indivíduo (menino ou menina) apresenta ter de acordo com o sexo ao qual pertence.

P P: A sexualidade de um indivíduo define-se como sendo as suas preferências, predisposições ou experiências sexuais na experimentação e descoberta da sua identidade e atividade sexual, num determinado período de sua vida.

P Q: A sexualidade faz parte do processo de desenvolvimento do ser humano. Portanto, uma área que merece atenção e formação específica.

Ao distribuímos o questionário, as professoras leram as perguntas e apenas uma expôs sua dúvida perguntando o que sexualidade tinha a ver com as crianças em sala de aula. Através disto, explanamos um pouco sobre o que é considerado sexualidade, algo inerente à vida humana, presente desde o nascimento até a morte, busca por satisfações. Notamos a falta de segurança de algumas em falar sobre esse assunto, sendo necessário uma breve leitura acerca do tema antes. Percebemos que duas professoras expuseram seus conhecimentos relacionados à sexualidade ligando as características biológicas que o homem e a mulher apresentam, bem como as preferências e atividades sexuais.

Verificamos assim que, apesar de já possuírem ou estarem passando por uma formação superior ainda prevalece um conceito, a respeito da sexualidade, ligado ao que se costuma ter no senso comum, ou seja, que procurar conhecer sobre esse aspecto é motivo de envergonhice, pois por relacionarem a sexualidade com a relação sexual, muitas pessoas consideram que as crianças podem estar querendo saber demais sobre o que ainda não interessa. Sabemos da necessidade que há em obter uma formação, ou melhor, conhecer pelo menos um pouco sobre as tantas questões que se manifestam em sala de aula. Segundo os PCN's (2001, p. 123),

O professor deve então entrar em contato com questões teóricas, leituras e discussões sobre as temáticas específicas de sexualidade e suas diferentes abordagens; preparar-se para a intervenção prática junto dos alunos e ter acesso a um espaço grupal de supervisão dessa prática, o qual deve ocorrer de forma continuada e sistemática, constituindo, portanto um espaço de reflexão sobre valores e preconceitos dos próprios educadores envolvidos no trabalho de Orientação Sexual.

É essencial que o/a educador (a) ao buscar conhecer mais afincado sobre sexualidade infantil, não se resuma apenas as leituras, mas que realmente assimile algo novo, refletindo sobre suas dificuldades frente ao tema, que desmistifique visões criadas no cotidiano, pondo em ação contribuições para o desenvolvimento integral das crianças de maneira saudável.

2. Como você reage diante das expressões da sexualidade infantil em sala de aula?

P M: Tento respondê-la na mesma hora de forma clara e correta. Pois compreendo que a criança esta numa fase de constante descoberta.

P N: Reajo naturalmente, pois é um termo que você esclarecendo aos alunos naquele determinado momento pode evitar conflitos e de uma certa forma tira as duvidas e os medos e assim gera uma experiência positiva e saudável.

P O: Diante das expressões em sala oriento-os de como os mesmos devem se comportar, mas diante das brincadeiras deixo os mesmos interagirem livremente.

P P: A sexualidade assim como a inteligência, será construída a partir das

possibilidades individuais e de sua interação com o meio e a cultura, a partir desse ponto procuro oferecer referências e limites, bem como me mostrar compreensiva com as manifestações de meus alunos.

P Q: A sexualidade ainda é tabu. A minha reação é a mais natural possível. Respeito a posição da criança, com uma resposta verdadeira e simples de entender.

Com base no que observamos, notamos que as respostas dadas pelas professoras, na prática não correspondem a uma reação natural às manifestações das crianças. Pois, vimos que algumas crianças do Infantil IV costumavam entrar em dupla ao banheiro, quando a professora percebia ameaçava deixar sem recreio, falava que não podia entrar os dois ao banheiro, mas não dizia o motivo, nem ao menos explicava que o banheiro é apertado, só cabe uma pessoa por vez, porque só tem um sanitário. Às vezes a professora perguntava, com certo tom de voz alterado, o que as crianças haviam ido fazer juntas ao banheiro, mas o silêncio tomava conta, talvez por medo do que viria depois, então a professora finalizava a bronca dizendo: “que coisa feia, os dois no banheiro”. Da mesma forma era quando os/as pequenos (as) falavam palavrões.

Quando acontecia de trocar os brinquedos e os meninos observarem as bonecas, as professoras apenas riam, quando a criança percebia ficava sem graça e devolvia a boneca da menina. Percebendo isso, as crianças assimilam para si que é vergonhoso um menino brincar com bonecas, que é castigável querer conhecer o corpo. De acordo com Souza (2009, p. 145) “as práticas pedagógicas na educação infantil evidenciam concepções, manifestadas a partir de comportamentos e atitudes de adultos, que acabam por serem, quase naturalmente, interiorizadas pelas crianças. Inverter a condução de tais práticas é um desafio que pode ser enfrentado de forma organizada e planejada.”

Pois, as professoras em análise de sua prática pedagógica não trabalham as questões de gênero, visando em sua prática atividades machistas quando separam os brinquedos, de meninas e meninos, quando destacam grupos de meninas e meninos, inculcando na mente infantil que menina brinca com menina, e menino brinca com menino; quando dão continuidade na bobagem de que rosa é de menina e azul de menino, isso percebemos, explicitamente, na ornamentação da sala, no momento em que as professoras irão escolher

materiais, como EVA, para confeccionar lembrancinhas para as crianças, separando a cor rosa para as meninas e a cor azul para os meninos dividindo, implicitamente, o mundo entre o frágil e o forte.

Para as meninas, o róseo – símbolo da graça, da suavidade, da quietude; para os meninos, o azul – a amplidão dos céus, a busca do infinito. O simbolismo das cores se estende à formação de um mundo dividido – nos brinquedos e nos jogos infantis (carro versus boneca), na escolha profissional (enfermeira versus engenheiro) e até na participação política na sociedade. (SOUZA e CARVALHO, 2003, p. 10)

Já na turma do Infantil V, um acontecimento que merece destaque, foi o momento em que um menino estava conversando com outro e disse que homem tem “pimba”, ao ouvir a conversa a professora perguntou várias vezes ao menino o que era isso, com a intenção de envergonhar-lo e conseguiu. Outro acontecimento que merece destaque foi na turma do 1º ano, quando um menino riscou a imagem do corpo humano feminino e masculino, nua, em um livro da escola. A professora pegou o livro e apresentou a turma perguntando se alguém queria saber algo relacionado ao corpo humano, caso alguém quisesse saber perguntasse aos pais e/ou a educadora, mas isso já era uma pergunta, pois as dúvidas das crianças aparecem também de maneira implícita, nem sempre são expostas através de perguntas.

A docente poderia ter trabalhado de forma intencional esse tema, já que percebeu certa expressão da criança. Desse modo iria proporcionar novos conhecimentos mediando uma reestruturação de conceitos que as crianças já possuem em mente, ou seja, iria ocorrer a produção de algo novo no desenvolvimento mental das crianças. Para Vigotski (2001, p. 526), “uma vez que o conceito é novo o desenvolvimento começa no momento em que se elabora com a criança um determinado círculo de conhecimentos, são comparados a outro círculo já conhecido, e se fazem diferentes formulações desse conhecimento.”

Sendo assim, a professora, ao invés de reprimir as curiosidades dos/das alunos (as), agiria de modo mais proveitoso interagindo com elas, partindo dos seus conhecimentos prévios, a fim de construir um novo conhecimento, no qual seria percorrido pelos conceitos espontâneos da criança. Muitas vezes está explícita a falta de compromisso, de interesse em desenvolver um trabalho que possibilite o desenvolvimento integral da criança, de promover uma educação que forme seres pensantes, que saibam compreender a diversidade. É difícil numa educação silenciadora de dúvidas, de curiosidades, formarem indivíduos reflexivos. Quando o/a professor (a) cala as manifestações de uma criança está mandando esconder o

conhecimento que traz consigo e dessa forma não faz interação com o conhecimento científico para que a criança possa desenvolver um conhecimento mais aprimorado.

3. A sexualidade está ligada a identidade de gênero. Com isso, como você organiza as filas de alunos (as)?

Uma fila mista.

Uma fila de meninos e outra fila de meninas.

Não tem fila.

P M: Uma fila mista.

Uma fila de meninos e outra fila de meninas.

P N: Uma fila de meninos e outra fila de meninas.

P O: Uma fila de meninos e outra fila de meninas.

P P: Uma fila de meninos e outra fila de meninas.

P Q: Uma fila mista.

Vimos que a separação de gênero ocorre em algumas salas de aula, como já mencionado, aparecem em cartazes de meninas e meninos ou nas filas que se organizam para entrarem ou saírem do ambiente escolar. O argumento é que os meninos são mais impulsivos, empurram na fila e podem machucar as meninas. Além disso, presenciamos as constantes comparações entre o grupo das meninas e o grupo dos meninos, porque as meninas são mais obedientes, algumas, pois outras apresentam comportamentos semelhantes a dos meninos até nas brincadeiras, conforme algumas educadoras. Segundo Souza e Carvalho (2003, p. 14),

No dia-a-dia escolar, é comum a segregação entre os sexos na formação de filas, nas tarefas e esportes, reforçando a diferença entre alunos e alunas e aumentando a competição sexista. Uma consequência negativa é a transformação de qualidades em defeitos quando se referem às meninas, como a tranquilidade e a organização, enquanto os meninos são vistos como naturalmente barulhentos e criativos. A dinâmica da sala de aula, com meninas bem comportadas e meninos agitados, é considerada normal pela professora ou professor.

Essa maneira de separar e criar estereótipos sobre as meninas, considerando-as como sensíveis, calmas, obedientes leva adiante a visão da menina/mulher como sexo frágil, dependente, incapaz, medrosa. De acordo com Souza e Carvalho (2003, p. 12), “As relações de gênero são construídas de acordo com a cultura de cada povo e grupo social, impostas a partir do nascimento, ou seja, do enxoval azul para os meninos e rosa para as meninas.” A conceituação e construção do significado mulher, como frágil, como a responsável pelo um bom convívio familiar começa no seio da família e, muitas vezes, se disseminam na escola quando o/a professor (a) não procura favorecer a igualdade entre os gêneros, separando e recomendando para que meninas não brinquem ou fiquem próximas às brincadeiras dos meninos para não se machucarem. Desse modo, o/a docente reforça as desigualdades, atuando por meio de uma educação sexista, quando, como educador (a), deveria encorajar a desenvolver as capacidades de cada um/uma e incentivar a todos (as) a participarem das brincadeiras quem gostam, até para um bom desenvolvimento social. Pois, muitas vezes, as meninas querem brincar com os meninos, mas algumas professoras repreendem afirmando que os meninos irão machucá-las.

O/A professor (a) visando à formação de um ser reflexivo, que compreenda a diversidade, pode buscar novas fontes a fim de melhorar sua prática em sala de aula, tentando promover uma educação não sexista sem transformar as diferenças em desigualdades, seja social, étnicas ou de gênero.

4. Com relação às brincadeiras entre as crianças, como você atua?

Deixa as crianças brincarem livremente.

Separa o grupo das meninas e o grupo dos meninos, devido o fato de que as brincadeiras das meninas são mais “sensíveis” e a dos meninos são mais “violentas”.

Intervém ao ver meninas brincando de carro e bola e meninos brincando de boneca.

P M: (x) Deixa as crianças brincarem livremente.

P N: (x) Deixa as crianças brincarem livremente.

P O: (x) Deixa as crianças brincarem livremente.

P P: (x) Deixa as crianças brincarem livremente.

P Q: (x) Deixa as crianças brincarem livremente.

Realmente, percebemos que as crianças brincam livremente na hora do recreio, é o momento no qual as crianças podem se reunir e extravasar suas energias brincando todos (as) juntos (as), porém, geralmente as crianças costumam brincar apenas com os/as colegas de sala, mas, não há separação de sexo nas brincadeiras, meninas e meninos brincam de super heróis, bola, amarelinha e cangaceiros (as).

5. Qual sua opinião a respeito de meninos e meninas brincarem juntos com o mesmo brinquedo ou brincadeira?

P M: Como é na sexualidade que a criança cria sua personalidade não vejo nenhum problema em meninos e meninas brincarem juntos, pois crianças são curiosas. Afinal, toda brincadeira e experiência vivida têm algo a ensinar.

P N: Eu acho que cada pessoa tem que ser livre para sua própria escolha do mesmo modo é as crianças.

P O: Na minha opinião, acho normal meninas e meninos brincarem juntos com a mesma brincadeira, por que é através da brincadeira que a criança modifica a sua opinião de que só meninos brincam com meninos ou meninas só tem que brincar com meninas.

P P: A partir das brincadeiras a criança constrói sua experiência de se relacionar com o mundo de maneira ativa, por isso acho que não há problema, mas se houver diferença de idade entre as crianças devem ser sempre observadas.

P Q: Normal. Como a diversidade de brinquedos é natural que as crianças troquem de brinquedos, até como forma de entender como funciona. Não é um brinquedo “rosa” ou “azul” que vai definir a sexualidade de uma criança.

Observamos que na hora do recreio que, as docentes não intervêm nas brincadeiras a não ser quando alguém machuca outro. A questão da vigilância sempre está presente, as

professoras estão sempre observando o intervalo para o caso de precisar intervir em algum acontecimento relacionado à violência, não interferem nas brincadeiras, apenas comentam entre si sobre as escolhas das brincadeiras considerando-as muito violentas, são as brincadeiras preferidas: super heróis e heroínas e cangaceiros e cangaceiras.

Com relação à brincadeira de cangaceiras e cangaceiros, as professoras, ao observarem, comentam surpreendidas das meninas participarem desta brincadeira, como que, só quem pudesse fazer parte do cangaço fossem homens, ou que as mulheres cangaceiras ficassem restritas ao acampamento a espera do homem. Essa brincadeira partiu, por meio da mídia, especificamente, da novela *Cordel Encantado* exibida em pela rede globo, em que a trama trazia cenas sobre o cangaço. Notamos, dessa maneira, a forte influência que mídia tem sobre a vida das pessoas, das crianças.

Ao ter contato com essa trama, as crianças começaram a brincar de cangaço, no qual, as meninas também fazem parte, perseguem e aprisionam os “bandidos” que são alguns meninos, mas, fazem isso, não disfarçadas de meninos como na trama da novela. Podemos considerar que essa trama incitou a noção de que a menina/mulher pode participar de movimentos revolucionários, que pode lutar contra algo que analise como injusto, instigando, dessa forma, a concepção de que a mulher tem poder, competência, força para lutar e vencer. Partindo do nosso contexto é a mulher paraibana, como se costuma dizer, usando a expressão do grande poeta Luiz Gonzaga, “mulher macho”, essa expressão significa mulher valente, que não se deixa abalar por qualquer coisa, não se resume a fragilidade.

Ao notar essas ações das crianças as professoras poderiam trabalhar em sala de aula, explanando e articulando com todas as disciplinas sobre a vida no cangaço, o papel do homem e da mulher no acampamento, mas, infelizmente a viseira que muitos (as) docentes ainda usam, focalizam apenas seguir o que vem posto no livro didático.

Apesar dessa soltura relacionada à livre escolha de brinquedos e brincadeiras e a junção de meninas e meninos nas brincadeiras, é preciso que os/as educadores e (as) também se libertem de visões estereotipadas que carregam acerca das relações de equidade de gênero, pois, mesmo sabendo da capacidade e dos avanços femininos na sociedade, muitas mulheres ainda contribuem para uma educação sexista. É necessário que se procure subsídios teóricos para que ocorra uma mudança no conhecimento e na prática escolar, pois segundo Freire (2002, p. 115),

Não posso ser professor (a) se não percebo cada vez melhor que, por não ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão.

Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto e aquilo. [...] Sou professor (a) a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação [...].

É importante ter conhecimento sobre a sexualidade e relações de gênero para que a nossa visão preconceituosa não deforme o desenvolvimento infantil. A postura do/da educador (a) diante dos acontecimentos em sala de aula relacionados a esses temas é de grande importância, sua posição diante das curiosidades das crianças não deve se resumir a castigos ou se colocar como neutra, pois sabemos que essa posição não existe com clareza, mas deve atender, com curtas explicações, as expressões das crianças. Capacidade, todos tem de pesquisar novas fontes a fim de atualizar seus conhecimentos o que pode faltar, às vezes, é um pouco mais de compromisso e de voltar um olhar reflexivo para a própria ação docente.

3.4.2. ANÁLISE SOBRE A RODA DE DIÁLOGO COM AS PROFESSORAS

A roda de diálogo abriu uma discussão sobre o tema em estudo “gênero, sexualidade infantil e ação docente”. Para iniciarmos o debate, articulamos sobre a importância de se trabalhar esse assunto em sala de aula com bastante compreensão e respeito. A partir disto, dialogamos sobre a naturalidade que existe na curiosidade da criança em querer olhar o corpo do outro para conhecer as semelhanças e diferenças, ou no tocar o corpo em busca de prazer, o que às vezes acontece em sala de aula, porém, muitas vezes as expressões das crianças pode ser imitação dos adultos. Essas manifestações, o/a educador (a), não deve reprimir ou castigar, mas intervir orientando-os/as de maneira significativa, que pode ser até mesmo através da contação de histórias sobre o corpo, dialogando com os/as pequenos (as) explicando que são muitas sensações maravilhosas que podemos sentir ao tocar nosso corpo, mas que existem lugares e momentos adequados para isso.

Segundo a obstetra Maria Helena Vilela apud Martins (2008), o/a educador (a) ao perceber as manifestações das crianças, pode promover momentos nos quais explique que há coisas que só os adultos podem fazer e não é para criança, como também, propor atividades esclarecendo as diferenças e semelhanças entre meninos e meninas o que contribuirá para a redução de muitas dúvidas. Outro ponto tocado na conversa com as professoras foi sobre as questões de gênero no ambiente escolar, sobre os estereótipos criados culturalmente que muitos (as) educadores (as) ainda continuam a repassar dividindo o mundo dos meninos e

mundo das meninas, ditando comportamentos e regras para o feminino e o masculino. De acordo com Souza e Carvalho (2003, p. 11),

O sistema de papéis sociais e de identidade diferenciados, que começa na família, está presente na educação escolar, definindo e reforçando as relações de gênero. Essas relações desiguais se reproduzem na igreja, no trabalho, nos vários espaços e práticas sociais, reforçando a superioridade masculina e a submissão feminina. E uma das principais agentes dessa educação sexista é a mulher – mãe, professora, tia, avó.

Infelizmente, muitas educadoras contribuem para a propagação de uma educação sexista em nossa sociedade, explicitamente ou não. Podemos perceber nos cochichos sobre as crianças com os/as colegas de trabalho, nas atitudes ao realizar divisões de grupos para as brincadeiras, ao intervir nas brincadeiras ao ver uma menina brincando com o grupinho de meninos ou vice versa, na ornamentação da sala de aula dividindo cartazes com os nomes das crianças: um cartaz só com nome de menino e outro apenas com nome de menina, ao invés de fazer um cartaz com o nome de toda a turma em ordem alfabética. Tudo é intencional, seja para abrir porta para o novo, para o conhecimento que elimine o preconceito ou para colocar nos/nas outros (as) a viseira que muitos (as) profissionais da educação ainda utilizam em si.

“A escola é parte da sociedade. Ensina regras e valores sociais que vão influir na formação de meninos e meninas. É verdade que a escola não cria todas as desigualdades, mas as reforça através da educação sexista.” (SOUZA e CARVALHO, 2003, p. 14). O lamentável é que muitos (as) pedagogos (as) reforçam no ambiente escolar esse tipo de educação que contribui para a proliferação do preconceito. Segundo Carvalho e Souza (2003), as/os docentes podem usar o poder que tem sobre seus/suas alunos (as) de forma mais importante e saudável contribuindo para a formação de uma nova sociedade através de uma educação não sexista, que oportunize igualdades entre meninas e meninos, por meio de uma prática pedagógica criativa.

Após discutirmos um pouco sobre o tema, distribuimos para as professoras uma reportagem (em anexo) extraída da Revista nova escola referente ao mês de abril de 2006, Figuras 1. A reportagem tem por título “Eles querem falar de sexo” de Paola Gentile. Nesta, há exposições de casos relacionados às curiosidades sobre o corpo e também dicas de como responder as dúvidas das crianças de maneira simples e satisfatória. Mas, para que a ação docente ocorra com relevância é necessário que o/a professor (a) tenha conhecimento sobre o tema e procure desmistificar conceitos ligados ao senso comum.





Figura 1. Fonte: Silva, 2011.

Ao ter contato com a reportagem, as professoras começaram a folhear e riram com algumas informações que contém no início da mesma. As docentes consideraram interessante a matéria, sendo necessário um estudo mais aprofundado sobre o assunto, para que possam trabalhar essas questões contribuindo com a educação dada pelos pais e mães, porém afirmaram ser um tema difícil de abordar em sala de aula. No momento da discussão, uma professora expôs para o grupo uma situação vivenciada em casa com sua filha, uma criança de 6 anos de idade, que adorava os programas de TV nos quais havia casais se beijando. Segundo a professora, a menina procurava em todos os canais até encontrar um casal nessa condição. Ao perceber essa curiosidade da criança, a mãe afirmou que sua reação foi imediatamente colocar filmes de contos infantis, mas a criança procurava as cenas em que o príncipe beijava a princesa. Ao ser questionada, porque não conversava com a criança sobre aquelas cenas, a docente considerou que não era hora da criança saber, mas que da próxima vez iria tentar.

Dessa forma, podemos perceber e até afirmar que se o/a educador (a) não consegue conversar com seus/suas filhos (as) sobre essas curiosidades, logo não irá atuar diferente em sala de aula. Esse momento com as professoras foi bastante proveitoso para apreendermos que muito assimilamos teoricamente e pouquíssimo é posto em prática. Notamos que muitos (as) professores (as) “ainda carregam em si esta censura e costume de não encarar a sexualidade como um assunto que deve ser conversado, mostrado, estudado, pois faz parte do desenvolvimento infantil. E por mais que se oculte, mais curiosidade surge em volta, muitas vezes acompanhada de problemas que surgem na infância.” (DANTAS e MEIRELES, 2009, p. 86)

Consideramos que, o primeiro passo para uma atuação pedagógica significativa é querer conhecer o novo, é estar aberto para buscar atualizar os conhecimentos melhorando sua prática e, principalmente, o que parece ser mais difícil, porém, não é impossível é tentar

lançar fora muitas visões estereotipadas sobre as relações de gênero e sexualidade que, a cultura em que estamos inseridos e a educação que recebemos desde crianças, nos fizeram acreditar. De certo trabalhar com alguns temas não é fácil, principalmente quando não se tem conhecimento sobre o assunto, mas o que é necessário é buscar estudos acerca do tema, ter equilíbrio e tentar acertar. Para trabalhar sobre sexualidade infantil o ponto inicial é tentar compreender, através de estudos, que é um aspecto da vida do ser humano que não deve ser separado dos outros, o segundo passo é buscar atuar frente às crianças de uma maneira não preconceituosa e repreensiva sobre as manifestações que os/as infantes expressam diariamente.

3.4.3. AÇÃO LÚDICA COM AS CRIANÇAS

3.4.3.1. TEATRO DE FANTOCHES NO INFANTIL IV¹ e IV²

A contação de histórias para as crianças deve ser envolvente, capaz de estimular a sua imaginação. Por ser pouco utilizado nessas salas de aula, escolhemos a contação de histórias por meio de teatro de fantoches (Figura 2) a fim de dialogar sobre a descoberta do corpo de maneira lúdica respaldadas no livro *Menino brinca de boneca?* De Marcos Ribeiro.

Inicialmente, apresentamos os dois bonecos, uma menina (Júlia) e um menino (Pedro) que traziam questionamentos a respeito do que meninos e meninas podem fazer. O primeiro questionamento foi justamente o título do livro, já mencionado acima, houve respostas afirmativas, porém a maioria disse que não, só quem brincava de bonecas era as meninas os meninos brincavam de carrinho e de bola. Ouvimos dos/das pequenos (as) que meninos e meninas podem brincar juntos como acontece nas brincadeiras dirigidas pela docente em sala de aula ou no pátio.



INFANTIL IV¹

Figura 2. Fonte; Silva, 2011.

Durante o momento da história (Figura 3) a professora não interviu, contribuiu com as fotos e às vezes se ausentava da sala de aula.

INFANTIL IV²

Figura 3. Fonte: Silva, 2011.

Notamos que, as crianças são moldadas conforme as crenças de alguns/algumas educadores (as), pois a visão sexista ainda está impregnada na prática educativa de muitos

(as). Essas crianças estão habituadas a verem os pais trabalhando fora de casa e as mães tomando conta de crianças se não é em casa, é nas escolas, pois algumas mães são professoras que, pelo visto, apesar da formação não conseguiram, ao menos, tentar compreender as relações de gênero e as mudanças que acontecem na sociedade, porque continuam repassando suas crenças. Segundo Felipe (2001, p. 65),

[...] cabe também às educadoras e aos educadores diluir algumas barreiras rigidamente estabelecidas em relação ao que seja apropriado para meninas e meninos. Afinal, vivemos num mundo em constante transformação e diversidade, cabendo também à escola infantil uma leitura atenta do que está à sua volta, que não permita que as diferenças entre as pessoas e os grupos se transformem em desigualdades, ferindo assim seus direitos fundamentais.

Não é impossível, porém se torna um pouco complicado quando os/as próprios (as) professores (as) não conseguem eliminar suas barreiras. Mesmo sabendo que fazem parte da transformação social, muitos (as) não buscam entender as mudanças que diariamente acontecem em nossa sociedade por meio de nossos atos.

3.4.3.2. TEATRO DE FANTOCHES NO INFANTIL V

O que ouvimos em uma turma, por meio de nossa ação, foi o que escutamos das crianças de quase todas as turmas. Dessa maneira, constatamos que a educação que está sendo desenvolvida em algumas salas de aula ainda é permeada pelo sexismo, que podemos considerá-lo como um conjunto de práticas que vem a favorecer um gênero/sexo em detrimento de outro, logo pela desigualdade. Daí, nos perguntamos, em que ficou ou fica anos de formação desses/ dessas profissionais da educação que perpetuam as desigualdades de gênero em nosso meio? Formação específica, para se abordar determinados temas em sala de aula não surge do “além” é preciso perceber as necessidades, principalmente, as do/da docente. Porém, acreditamos que essa percepção seja mais possível quando se tem realmente compromisso com a educação em geral e não apenas em repassar os conteúdos programados no livro didático. Obstáculos, dificuldades todos/todas têm e desculpas para não tentar fazer o melhor também.

Na turma do Infantil V (Figura 4), notamos que algumas crianças dessa classe consideram que apenas meninas brincam de boneca e meninos brincam de carrinho. Logo, podemos afirmar a ausência de educação não-sexista, ou seja, uma educação que promova a

igualdade entre os gêneros. Nesse momento apenas a monitora permaneceu na sala de aula, a professora (titular) da turma havia ido preparar a atividade, pois dificilmente traz pronta de casa, ou seja, não há planejamento. Assim podemos imaginar como aparenta ser uma aula não planejada. O/A educador (a) precisa ter um método de trabalho organizado, sistematizado para que possa enfrentar e condicionar sua ação diante dos problemas que surgem. (VASCONCELLOS, 1999). Se houvesse planejamento saberiam como agir, pois segundo Vasconcellos (1999, p. 85), planejar: “É a previsão das ações, do movimento, da sequência de operações a serem realizadas para a transformação da realidade”, ou seja, planejar envolve a previsão de como agir, o planejamento pode, segundo Vasconcellos, ser um suporte para ajudar no crescimento do profissional da educação, sem o planejamento os/as professores (as) perdem a oportunidade de repensar o fazer pedagógico, a libertação de coisas repetitivas.



Figura 4. Fonte: Silva, 2011.

Notamos o interesse em passar todos os conteúdos do currículo escolar e a falta de percepção ligada ao que as crianças procuram saber. De acordo com Ribeiro (2003, p. 7) “o papel do (a) professor (a) é ser um “dinamizador de ideias” muito mais do que ser um “expositor da matéria”. Dessa maneira, os/as educadores (as) devem prestar atenção em

seus/suas alunos (as), ouvi-los e compreende-los procurando atender as suas dúvidas de forma criativa e objetiva. No momento em que os/as professores (as) notam as manifestações da sexualidade ou expressões referentes à questão de gênero, deveria intervir de maneira proveitosa. Mas o que acontece é que muitos (as) silenciam as expressões e dúvidas das crianças jogando sempre a responsabilidade para a família.

Talvez muitos (as) ainda carreguem consigo a visão que se tinha no século XV, por exemplo, no qual, conforme Foucault (1999) as crianças não possuíam sexo, logo não deviam falar, ouvir ou ver qualquer manifestação deste, assim deveria haver um silêncio total relacionado a esse assunto. Essa atitude poderá trazer problemas para o desenvolvimento da personalidade humana. O propósito é que, busquemos estudos que possibilite um auxílio para a libertação de certas visões ultrapassadas para que assim possamos falar de modo claro, sem vergonha sobre o corpo e as manifestações da personalidade humana, tentando passar o conhecimento sobre o corpo de forma consciente e respeitosa.

3.4.3.3. TEATRO DE FANTOCHES NO 1º ANO

Nessa turma, (Figura 5) a apresentação do teatro de fantoches foi surpreendente. Nessa escola as professoras falavam que as crianças maiores não davam importância para esse tipo de coisa, então pensamos que realmente as crianças de seis anos não iriam dar muita importância aos fantoches, mas ocorreu ao contrário, as crianças gostaram e o diálogo foi muito proveitoso.



Figura 5. Fonte: Silva, 2011.

Aqui, as crianças expuseram que as meninas podem brincar de carrinho e de bola, porque quando crescer poderá dirigir um carro, ser jogadora de vôlei, basquete, futebol, e o menino pode brincar de boneca, porque quando crescer vai ser pai e pode ajudar a mãe a cuidar do bebê, poderá ser cozinheiro. Essa visão das crianças vem das observações que fazem do meio familiar, pois alguns pais ajudam em casa com as crianças pequenas, outros trabalham na cozinha em lanchonetes.

Desse modo, entendemos que há várias formas da criança perceber o mundo onde vive e também diferentes meios de aprendizagem que o/a professor (a) não deve ignorar, mas aproveitar as visões da criança para trabalhar em sala de aula as questões de gênero, a diversidade, realizando de maneira criativa a interdisciplinaridade. Segundo Lima (2008, 2008, p. 34), a criança usa de muitas estratégias para aprender. Estratégias essas que variam conforme o desenvolvimento pessoal e os determinantes sociais.

As vivências na escola e fora dela são constituídas por ações e intervenções que configuram, todas elas, o desenvolvimento da criança. [...] A questão relevante que se coloca é compreender como estas experiências se organizam no desenvolvimento da personalidade e da identidade na constituição do novo conhecimento.

Logo, o/a educador (a) não pode desconsiderar as percepções que as crianças trazem do mundo que a cerca para sala de aula. Segundo o RECNEI (1998), o/a professor (a) deve partir das representações que os/as seus/suas alunos (as) possuem, podendo fazer questionamentos instigantes e apresentando meios para que os/as pequenos (as) busquem outras informações a fim de reformular suas ideias primeiras. A escola é parte integrante da vida do ser humano, com isso, não deve descartar os conhecimentos cotidianos que as crianças carregam, mas aprimorá-los com o intuito de proporcionar uma educação significativa. Para isso, é necessário que o/a pedagogo (a) esteja atento as necessidades das crianças e a sua prática em sala de aula, intencionando alcançar uma educação não sexista e silenciadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração o objetivo proposto para a realização deste estudo e após refletirmos sobre os dados observados e coletados, notamos que, ainda há muitos (as) professores (as) que não dialogam normalmente com as crianças a respeito das expressões da sexualidade, não atendendo as dúvidas e curiosidades dos/das pequenos (as). Isso decorre também da falta de informação sobre o assunto e, talvez, de regras vividas pelo (a) educador (a) em sua infância quando passava pela etapa da descoberta de si.

É preciso que o/a educador (a) procure compreender que a sexualidade é parte integrante da vida humana, da personalidade de cada ser, sendo desenvolvida e vivenciada de maneiras diferentes por cada um em cada etapa do desenvolvimento humano. As manifestações da sexualidade fazem parte da procura em si conhecer, em conhecer o outro, é a busca por uma identidade do “eu” em relação ao “outro”. Consideramos que, quando essa procura em conhecer o próprio corpo e o do outro não é vivenciada de forma saudável, deixa marcas que serão carregadas até o fim da vida.

Trabalhar com certos temas não é fácil, sobretudo quando não se tem conhecimento a respeito do assunto, mas o que é necessário é buscar estudos acerca do tema, ter equilíbrio e tentar acertar. Para trabalhar sobre sexualidade infantil é necessário compreender, através de fundamentos teóricos, que é um aspecto da vida do ser humano e não deve ser separado dos outros. Por meio disto, é preciso tentar atuar frente às crianças de uma maneira não preconceituosa e repreensiva sobre as manifestações que os infantes expressam diariamente.

Através das nossas observações em sala de aula para o desenvolvimento desta pesquisa, percebemos o quanto ainda são silenciadas e repreendidas às manifestações da sexualidade infantil, consideradas por muitos (as) profissionais da educação como atos de enxerimento. Sem contar os estereótipos aplicados em sala de aula ao afirmar que menina não brinca de carrinho, ou está se comportando como menino, ou que menino não chora. A todo o momento as crianças gritam por respostas as suas curiosidades, mas, muitos (as) educadores (as) fingem não perceber essa necessidade por não se sentir a vontade em trabalhar certas questões.

Diante da nossa atuação com relação ao teatro de fantoches, notamos que as crianças ficaram entusiasmadas e participarem bastante, afinal era algo novo que chegava naquela sala

de aula, o debate foi bastante proveitoso. Através da contação de história o/a educador (a) pode transformar um tema complexo em uma forma fácil de ser compreendida.

É essencial refletirmos sobre a própria prática intencionando alcançar meios para melhorar e/ou enriquecer o que está indo bem. Essa capacidade de reflexão contribui para uma melhor formação profissional e por meio disto, podemos perceber o quanto nossa caminhada necessita de empenho e compromisso, de busca por melhoras na prática educacional, de cuidados nas ações. A cada instante estamos construindo conhecimentos e se estivermos atentos, podemos perceber o que pode ou não melhorar uma ação. Se pensarmos que poderíamos fazer um pouco diferente dos outros, analisando bem, acabamos descobrindo algum ponto que não conseguimos alcançar e/ou outro que poderíamos fazer melhor. Para isso, é necessário um olhar atento para a atuação e muitas leituras.

4. REFERÊNCIAS:

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.
- ANDRADE, Fernando César Bezerra de; CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; e JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Gênero e diversidade sexual**: um glossário. Ed. Universitária/UFPB, 2009.
- ANGOTTI, Maristela. **Educação infantil**: para que, para quem e por quê? Campinas, SP: Editora Alínea, 2006.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**: introdução a filosofia. São Paulo: Moderna, 2003.
- ARIÉS, Philippe. Do despudor à inocência. In: ____ **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro – LTC, 1978.
- BRANDÃO, Soraya Maria Barros de Almeida. O livro literário na educação infantil: ressignificando a prática pedagógica. . In: MELO, Glória Maria Leitão de Souza et al. (Orgs.). **Ser criança**: repensando o lugar da criança na educação infantil. Campina Grande: EDUEPB, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília, MEC/SEF, 2001. V. 01.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Lei nº 9.394/96**: lei de diretrizes e bases da educação. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: pluralidade cultural e orientação sexual. – 3. ed. Brasília: A Secretaria, 2001.
- CARRARA, Kester. A contribuição da psicanálise à educação. In: ____ **Introdução da educação**: seis abordagens. São Paulo: Avercamp, 2004.
- CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Introdução á questão das relações de gênero na educação. In: ____ **Consciência de gênero na escola**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2000.
- DANTAS, Natasha Farias e MEIRELES, Ana Karina Soares. Sexualidade infantil: expressão do pensamento e de sentimentos. In: MELO, Glória Maria Leitão de Souza et al. (Orgs.). **Ser criança**: repensando o lugar da criança na educação infantil. Campina Grande: EDUEPB, 2009.
- DELIZOICOV, Demétrio. Desafios para o ensino de ciências. In: ____ **Ensino de ciências**: fundamentos e métodos. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- DORNELLES, Leni Vieira. Inventando Infâncias. In: ____ **Infâncias que nos escapam**: da criança na rua à criança *cyber*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

FARIAS, Mabel. Infância e educação no Brasil nascente. In: **Educação da infância: história e política** – Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

FELIPE, Jane. Sexualidade, gênero e novas configurações familiares: algumas implicações para a educação infantil. In: CRAIDY, Carmem Maria e KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva (orgs.). **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

FILHO, Paulo Bragatto. **Pela leitura literária na escola de 1º Grau**. São Paulo: Ática, 1995.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

GENTILE, Paola. Educação sexual – eles querem falar de sexo. **Revista nova escola** – ano XXI, número 191 – abril, 2006.

GURGEL, Thais. O despertar da sexualidade. **Revista nova escola** – ano XXV, número 229 – janeiro/fevereiro, 2010.

GUYTON, A. C. e HALL, J. E. Funções reprodutivas hormonais masculinas (e função da glândula pineal) In: ____ **Tratado da fisiologia médica**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

_____. Fisiologia feminina da gravidez e hormônios femininos. In: ____ **Tratado da fisiologia médica**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

_____. Gestação e lactação. In: ____ **Tratado da fisiologia médica**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A, 2006.

KRAMER, Sônia. O papel social da educação infantil. In: **Revista textos do Brasil** – Educação para um desenvolvimento humano no Brasil - número 7. Brasília, Ministério das Relações Exteriores, 1999.

Disponível em: <www.dc.mre.gov.br/imagens-e-textos/revista.../revista7-mat8.pdf>

Acesso em: 25/09/2011

KUHLTHAU, Carol. **Como usar a biblioteca na escola: um programa de atividades para a pré-escola e ensino fundamental**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LIL, Gaia. Alta sacerdotisa: diakosmos, a determinação da deusa – pré-história e história antiga. 2009

Disponível em: [HTTP://sagrado-feminino.blogspot.com](http://sagrado-feminino.blogspot.com)

Acesso em: 05/08/2011

LIMA, Elvira Souza. **Indagações sobre currículo: currículo e desenvolvimento humano**. BEAUCHAMP, Janete; PAGEL, Sandra Denise e NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do. (orgs.) – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: ____ **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOPES, Jader Janer Moreira. Grumetes, pajens, órfãos do rei... e outras crianças migrantes In: VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos (org.) **Educação da Infância: história e política** – Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LOPES, Sônia. Reprodução In: ____ **Bio: volume único**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

MARTINS, Ana Rita. O assunto é sexo. E é sério. **Revista nova escola** – XXIII, NÚMERO 214, Agosto, 2008.

MARTINS, Ariani Terezinha Mendes e VALENTE, Silza Maria Pasello. Temas transversais: breve contextualização. In: MARCONDES, Martha Aparecida Santana (org.) **Temas transversais e currículo**. Brasília: Líber Livro Editora, 2008.

MACEDO, José Rivair. **A mulher na idade média**. São Paulo: Contexto, 1992.

MULLER, Fernanda e REDIN, Marita Martins. Sobre as crianças, a infância e as práticas escolares. In: REDIN, Euclides (org.) **Infâncias: cidades e escolas amigas das crianças**. Porto alegre: Mediação, 2007.

NUNES, César. A sexualidade é uma qualidade humana. In: **Revista mundo jovem: um jornal de ideias** – por relações mais humanas. Ano 49, número 414, março 2011.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.

RAMOS, Fábio Pestana. A história trágico-marítima das crianças nas embarcações portuguesas do século XVI In: PRIORE, Mary Del (org.) **História das crianças no Brasil**. 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

RIBEIRO, Marcos. **Como trabalhar os livros Mamãe, como eu nasci? Menino brinca de boneca?** Guia de professores. Salamandra, 2003.

_____. **Menino brinca de boneca?** 2ª. ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 2001.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

SANDRONI, Laura C; MACHADO, Luiz Raul. **A criança e o livro: guia prático de estímulo a leitura**. São Paulo: Ática, 1986.

SAYÃO, Yara e BOCK, Silvio Duarte. **Relações de gênero**. ed. Equipe Educa Rede, dezembro – 2002.

Disponível em: <http://www.educared.org/educa>

Acesso em: 16/11/2011

SILVA, Isabel de Oliveira e. A profissionalização do professor da educação infantil: questões sobre a formação dos profissionais que estão em serviço. In: **Pedagogia em regime especial** – coletânea de textos didáticos - III, 2. ed., 2008.

SOUZA, Glória Maria Leitão de. A sexualidade e a identidade de gênero nas brincadeiras infantis: reflexões sobre práticas pedagógicas na educação infantil. In: HERMIDA, Jorge Fernando (org.) **Educação infantil: política e fundamentos: especial para a República Democrática de Timor-Leste**. 3 ed. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

SOUZA, Valquíria Alencar de; e CARVALHO, Maria Eulina de. **Por uma educação escolar não-sexista**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Fundamentos histórico-antropológicos e epistemológicos. In: ____ **Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico** – elementos metodológicos para elaboração e realização. São Paulo: Libertad, 1999.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. Desenvolvimento dos conceitos cotidianos e científicos na idade escolar. In: ____ **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

5. ANEXO

EDUCAÇÃO SEXUAL

Eles querem

Crianças e adolescentes estão descobrindo a sexualidade e os limites do próprio corpo. Veja aqui como ajudá-los a enfrentar essa fase tão importante da vida sem mitos nem atropelos (tanto em casa como na escola) **PAOLA GENTILE** paola.gentile@abril.com.br



ILUSTRAÇÕES CAROLE HÉNAFF

“Professora, por que a minha xereca pisca quando vejo um homem e uma mulher se beijando na televisão?”

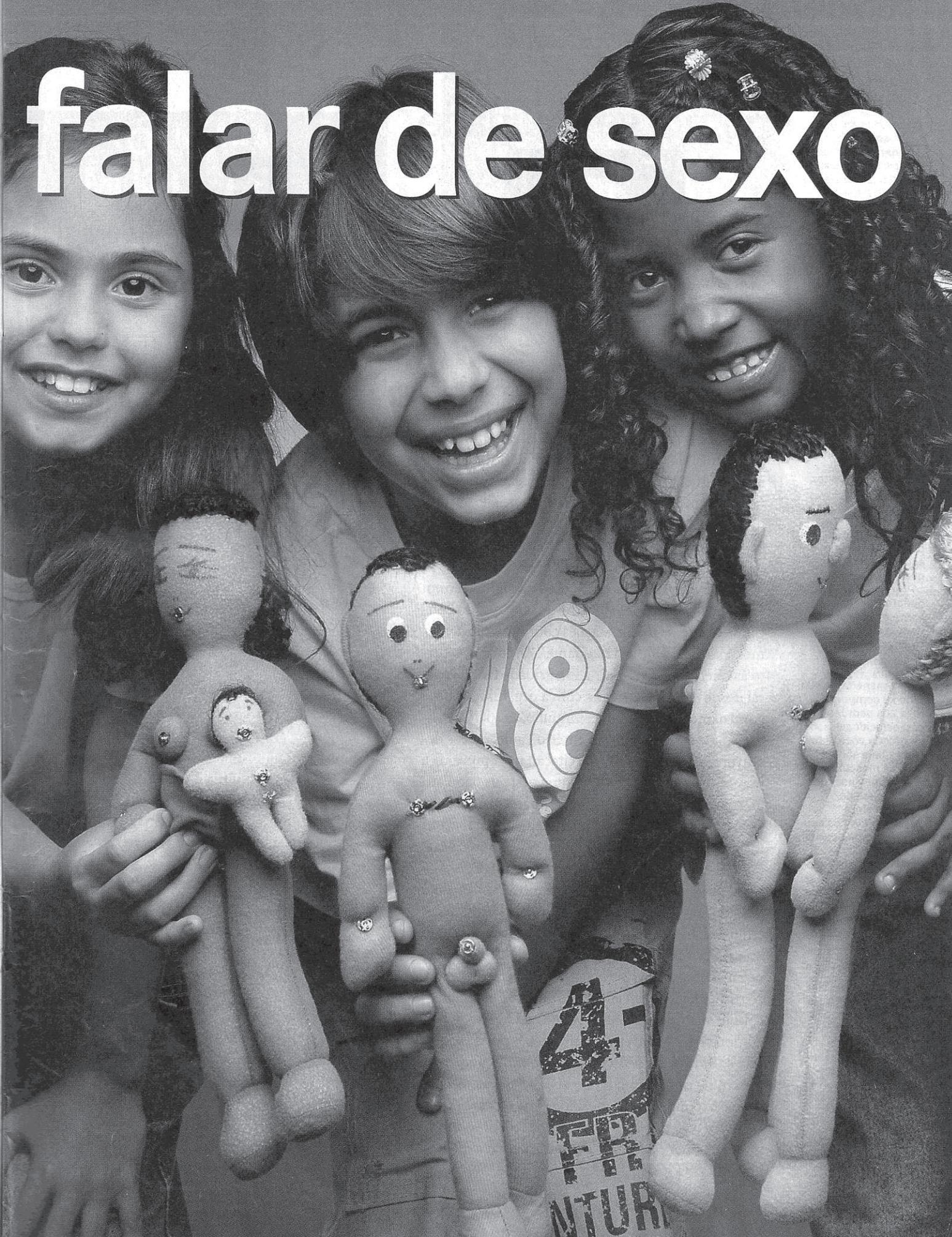
A pergunta, feita por uma aluna de 8 anos para a orientadora educacional Dilma Lucy de Freitas durante uma aula para a 3ª série de uma escola particular de Florianópolis, poderia provocar diversas reações na professora. Se ela mostrasse espanto e indignação, por exemplo, as crianças deduziriam que sentir essas coisas deve ser anormal. Se fingisse não ter escutado, os pequenos achariam que é melhor não falar sobre o corpo (e, mais tarde, sobre a sexualidade). Dilma respondeu que o corpo recebe estímulos: um cheiro gostoso de comida faz a gente sentir vontade de comer e um vento frio faz a pele se arrepiar. Do mesmo modo, algumas imagens (como o casal que se beija) estimulam os órgãos sexuais e por isso a vagina se contrai (“pisca”). A aluna, satisfeita com a informação, foi brincar.

Desde bebês, sentimos prazer em tocar o próprio corpo e descobrir as diferentes sensações que ele nos proporciona. Fingir que as crianças não passam por esse processo é negar a realidade. O sexo é parte da vida das pessoas (aliás, uma parte importante e muito boa) e é por essa razão que a escola e a família devem ajudar a construir nos pequenos uma visão sem mitos nem preconceitos. “Esse é um tema que envolve sentimentos e desejos e, portanto, não pode ser abordado só com explicações sobre o funcionamento do aparelho repro-

ductor e palestras médicas. A orientação sexual deve ser feita com afeto”, afirma Antonio Carlos Egypto, psicólogo e coordenador do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual (GTPOS), em São Paulo.

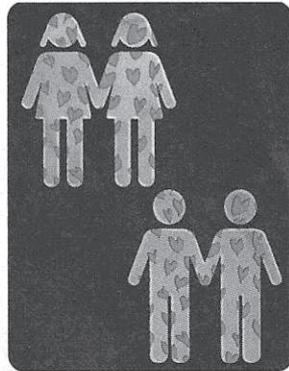
O constrangimento dos pais em tratar do assunto aumenta a falta de informação dos jovens e faz com que a escola se torne o principal espaço de educação sexual (vale lembrar que a orientação sexual é um dos temas transversais previstos nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN). Nesta reportagem, você vai encontrar histórias como a de Dilma – que ocorrem diariamente nas salas de aula do país – e saber como lidar com essas inquietações das crianças. Nos quadros que acompanham cada caso, a educadora sexual Maria Helena Vilela, do Instituto Kaplan, em São Paulo, sugere algumas boas práticas para adotar em casa e na escola. São dicas preciosas para todos os professores – de qualquer área do conhecimento – trabalharem com os estudantes no dia-a-dia e também para pais e mães interessados na boa formação de seus filhos. Se a escola tiver um programa de educação sexual, vale a pena conversar com os familiares sobre ele (*leia o quadro da página 27*). Veja também a melhor postura em aulas sobre sexualidade (*página 24*) e como dar orientação sexual para alunos com deficiência (*página 28*). ▶

falar de sexo



EDUCAÇÃO SEXUAL

homossexualidade



A CHAVE É O RESPEITO

O fato de um garoto apresentar traços femininos ou uma garota gostar de carrinhos não significa que eles se tornarão homossexuais. Do mesmo modo, o menino que joga bola e a menina que brinca de boneca não necessariamente serão heterossexuais no futuro. Essa característica se define por volta dos 14 ou 15 anos, quando o jovem passa a se interessar sexualmente por outra pessoa.

Juny Kraiczky, psicóloga do Ecos Comunicação em Sexualidade, em São Paulo, diz que o papel do educador diante de manifestações contra a suposta homossexualidade de um estudante é discutir o respeito às diferenças e garantir a integridade física e moral dos jovens. Em parceria com a organização não-governamental Cidadania, Orgulho, Respeito, Solidariedade e Amor (Corsa), em São Paulo, o Ecos desenvolveu um curso de capacitação para prevenir a homofobia em 31 escolas da zona oeste de São Paulo. A professora de Artes Neide Aparecida Mackert fez o curso e, graças ao que aprendeu, conseguiu contornar uma situação difícil na Escola Estadual Marquês Visconde de Tamandaré, em São Paulo.

Em sua turma de 2º ano do Ensino Médio, no ano passado, um garoto com voz mais fina, que tinha um estilo descolado de se vestir, era alvo de piadinhas maldosas. Num debate sobre homossexualidade, dois alunos não conseguiram ficar nos argumentos biológicos, psicológicos, sociais ou culturais e insinuaram com ironia que havia um gay na classe. Neide perguntou se era possível garantir, apenas pelas aparências, se uma pessoa é ou não homossexual. Todos entraram na discussão e foi possível falar de homofobia e estereótipos. Neide ensinou duas lições: a necessidade de respeitar as diferenças e de refletir sobre como sofre quem não tem o comportamento-padrão imposto pela sociedade.

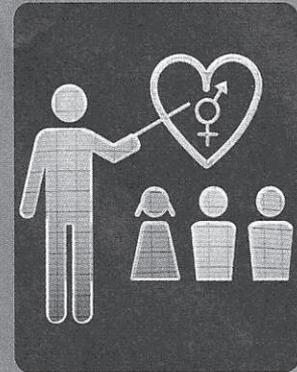
NA ESCOLA

- Não seja cúmplice dos alunos nos comentários preconceituosos.
- Acolha e fortaleça os jovens que se isolam do grupo por ter comportamento diferente do padrão, elogiando seu trabalho sempre que possível.
- Promova um debate franco sobre a necessidade de respeitar as diferenças.

EM CASA

- Se a maneira de seu filho se comportar foge aos padrões estabelecidos e isso incomoda você, deixe claro quais são os valores masculinos e femininos aceitos pela sociedade.
- Não se sinta desrespeitado se seu filho for homossexual.
- Quanto mais cedo ele for acolhido (se for o caso, também com a ajuda de uma terapia), menos problemas de auto-aceitação terá.

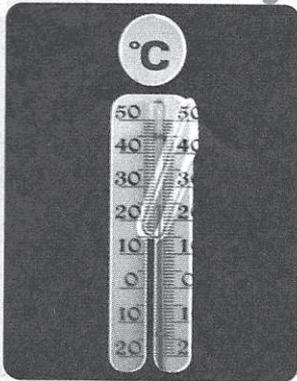
PARA NÃO QUEBRAR O CLIMA



As aulas sobre sexualidade são marcantes para os jovens, pois nelas eles aprendem a conhecer seus desejos, necessidades e afetos (e a lidar com eles). Sua postura ao tratar do assunto é muito importante. Por isso, os especialistas recomendam prestar atenção nos seguintes detalhes:

- Qualquer dúvida, por mais simples que pareça, é relevante e pertinente.
- Ouvir, mais do que falar, é a melhor conduta. Estimule o debate e deixe os estudantes tirarem as próprias conclusões.
- Caso alguém pergunte, sua opinião sobre o tema deve ser dada no final da discussão.
- Apresente informações científicas sempre que necessário, sem emitir juízos.
- Para não expor ninguém, o ideal é levantar dúvidas sem personalizar (os estudantes encaminham as questões por escrito ou produzem cartazes em que todos escrevem o que já sabem sobre determinado assunto).
- Perguntas sobre a conduta pessoal dos alunos são constrangedoras, pois pode parecer que você quer policiar as atitudes deles. Mantenha a discussão genérica, sem se intrometer na intimidade da garotada.
- Jogos e dinâmicas (além de discussões em pequenos grupos) favorecem a participação dos mais tímidos.
- Faça um "contrato" com a turma para garantir que tudo o que for discutido não será usado em comentários maldosos nos corredores nem para julgar os colegas. O respeito é o caminho para o bom aprendizado.

masturbação



A DESCOBERTA DO CORPO ERÓTICO

A turma de 6ª série de Simone dos Santos Araújo, da Escola Estadual Professor Caran Aparecido Gonçalves, em São Paulo, estava entretida numa lição sobre répteis. Mas uma aluna estava incomodada.

– Professora, os meninos da última fila estão agitados, fazendo uns barulhos...

Sem se desviar do tema da aula, ela andou pela sala e percebeu dois garotos se masturbando. Ao se aproximar, eles tentaram disfarçar. Ela apoiou-se na carteira de um deles e comentou baixinho:

– Sei que o que estão fazendo é gostoso, mas aqui não é o lugar adequado. Vocês não estão prestando atenção na aula e estão atrapalhando os colegas. Tudo bem parar agora?

– Xi, professora, foi mau!



Simone, de São Paulo, resolve as dúvidas dos alunos sobre masturbação mostrando esquema do corpo feminino: questões dentro de uma bexiga, para não expor ninguém

ROGERIO ALBUQUERQUE

Nunca mais os dois repetiram o comportamento na escola. E, algum tempo depois, ela conversou com a turma para resolver dúvidas sobre masturbação.

Descobrir o corpo e como ele pode dar prazer (o corpo erótico) faz parte do desenvolvimento da criança. Ao perceber a sensação gostosa que o toque provoca, ela vai querer repetir o ato. Uma conversa como a de Simone – discreta, sem expor ou humilhar ninguém – ajuda a definir o limite entre o privado e o público, sem julgar o ato em si.

Na maioria dos casos, o aluno ou a aluna se masturba por prazer, o que é absolutamente normal. Mas masturbar-se em público, obviamente, não é aceitável. Se isso se repetir com algum estudante, o ideal é conversar com a coordenação ou a orientação pedagógica para avaliar se é o caso de chamar os pais. “Proibir é lutar contra a natureza: o jovem vai masturbar-se escondido e acabar se sentindo culpado por não corresponder às expectativas dos adultos”, afirma a consultora Maria Helena Vilela.

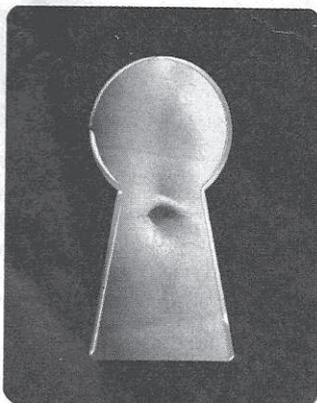
NA ESCOLA

- Se uma criança se masturbar na sala de aula, chame-a para outra atividade. Mais tarde, diga a ela que tocar nos órgãos sexuais é gostoso, mas não deve ser feito na frente dos outros.
- Caso o ato se repita depois de várias conversas, investigue as possíveis causas (micose, que provoca coceira, ou outro problema que a criança possa estar enfrentando).

EM CASA

- Explique a diferença entre o privado (aceitável quando se está sozinho) e o público (aceitável no convívio com outras pessoas).
- Caso a criança esteja se masturbando no quarto ou no banheiro, sem chamar a atenção de ninguém nem se expondo, não interfira.
- Se seu filho estiver se tocando na frente de outras pessoas, desvie a atenção dele para outra coisa e depois converse com ele a sós.

meu corpo



SERÁ QUE ELE É IGUAL A MIM?

Quando pequenos, meninos e meninas começam a descobrir as características do próprio corpo. Por que

os garotos têm “pipi” e as meninas, “xoxota”? E eles investigam mesmo. O coordenador pedagógico Marcelo Cunha Bueno, da Escola Estilo de Aprender, em São Paulo, afirma que a curiosidade é tanta que os pequenos se escondem debaixo das mesas ou procuram respostas ali mesmo, no meio da sala de aula. Uma vez ele viu dois garotos de 4 anos com as calças abaixadas conferindo se ambos tinham “pipi”. Ele pediu que os dois se vestissem e fossem brincar no pátio. E explicou que é legal querer conhecer o corpo do outro, mas que aquela era hora de estudar. Por volta dos 2 ou 3 anos, depois que a criança já aprendeu a andar e a falar, a curiosidade (inclusive a sexual) vem à tona. É normal que, além de ver, ela queira tocar. Essa brincadeira não traz nenhum prejuízo físico ou psicológico. Não há erotização nesse contato e ele não deve ser interpretado como desvio de comportamento. ▶

NA ESCOLA

- A conversa sobre o que pode e o que não pode ser feito em público é sempre bem-vinda.
- Mostre figuras ou modelos do corpo humano e apresente o nome correto dos órgãos sexuais.

EM CASA

- Se você não se incomodar em ver seu filho e outra criança da mesma idade nessa situação, deixe-os esgotarem a curiosidade. Logo eles partirão para outra brincadeira.
- Se não concordar, diga a eles que isso o incomoda e explique por quê.

EDUCAÇÃO SEXUAL



No quadro-negro, os termos vulgares e os corretos para nomear os órgãos sexuais; nos cartazes, as dúvidas dos estudantes sobre sexualidade: assim, Rosa, de Florianópolis, consegue driblar as supostas provocações da turma e, ao mesmo tempo, ensinar: "É uma educação que entende as angústias dos adolescentes"

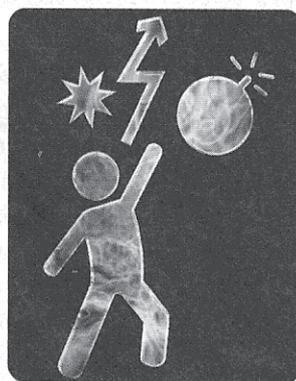
NA ESCOLA

- Aproveite as "provocações" para iniciar uma conversa sobre sexualidade.
- Não leve comentários dos alunos para o lado pessoal nem se sinta agredido por eles.
- Se alguns estudantes quiserem mostrar que conhecem "muuuuito" sobre sexo, tente outra abordagem: pergunte como os jovens agem hoje e conte como era na sua época. Entre um comentário e outro, você perceberá brechas para intervir com as informações necessárias.

EM CASA

- Seu filho não age assim para agredir. Ele quer saber mais sobre o tema (ou conhecer a posição dos pais).
- Ouvir o jovem é a única maneira de identificar a razão do enfrentamento.

enfrentando os adultos



EM BUSCA DE MAIS INFORMAÇÃO

Rosa Cristina Albuquerque Pires, professora de Ciências da Escola Estadual de Educação Básica Irineu Bornhausen, em Florianópolis, tem o hábito de passar um paninho na mesa e na cadeira antes de começar suas aulas. Um dia, ao entrar na sala da 5ª série, viu um pênis desenhado em sua cadeira. Mesmo assim, sem nada comentar, sentou-se. Foi o suficiente para os meninos começarem a gemer e a assobiar. Ela perguntou:

- Vocês estão passando mal?
- Não, professora! É que a senhora sentou...

- Sentei onde?
- No bilau... (*gritos e gargalhadas*)
- Bilau rima com carnaval! (*risos envergonhados*). E depois, não senti num pênis, mas em uma representação dele.

Graças à experiência adquirida no contato com os adolescentes (e à capacitação oferecida pela Universidade Estadual de Santa Catarina), Rosa sabe que eles querem resolver alguma dúvida quando começam com essas gracinhas e supostas "provocações". Por isso, ela não hesita em mudar o programa. Pára a aula e verifica as necessidades da turma. "É o que chamo de educação sexual que não só informa mas também entende as angústias dessa fase da vida." Naquele dia, a conversa, é claro, foi sobre relações sexuais: quando ter a primeira, se a menina pode transar menstruada etc. Todos escreveram suas questões num pedaço de papel, sem assinar, ou em um cartaz (assim, ninguém se expõe de forma desnecessária). O consultor Antonio Carlos Egypto destaca que muitas vezes o jovem age dessa maneira para mostrar ao grupo que consegue lidar com a sexualidade – o que raramente é verdade. Em outras palavras, ele quer descobrir se o adulto está ali para policiá-lo. "Se a classe perceber que o professor não tem jogo de cintura, fatalmente vai afrontá-lo." Tudo isso porque a moçada quer informação.

EDUCAÇÃO SEXUAL

NA ESCOLA

- Procure saber onde os pequenos viram o comportamento que estão imitando e o que eles sabem a respeito.
- Trate a imitação como uma atitude normal para a idade e aproveite para falar sobre sexualidade.
- Se a criança mostrar-se muito erotizada, chame os pais para tentar entender os motivos dessas atitudes.

EM CASA

- Preste atenção nas brincadeiras de seu filho e, caso ele esteja imitando comportamentos adultos, descubra onde ele presenciou aquilo.
- Verifique se os programas de TV que ele vê são adequados para a idade.
- Se os valores passados por determinado programa não forem os mesmos da família, assista junto com ele e explique por que tais comportamentos são reprováveis.

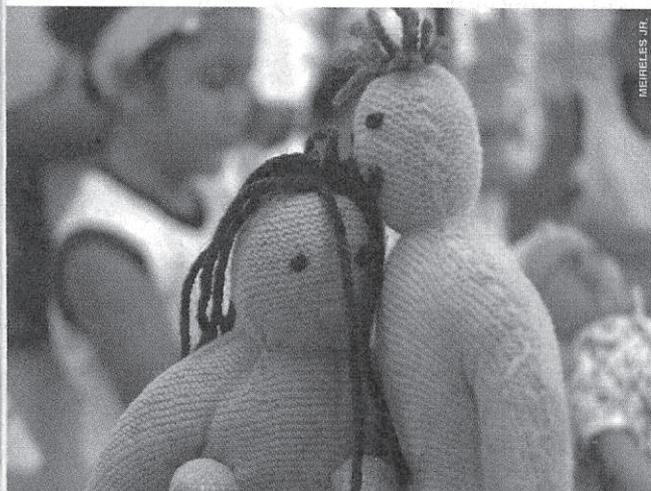
imitando adultos



QUERO SER GRANDE

Um ardente beijo na boca. Um casal deitado na cama trocando carícias sob o lençol. Corpos nus rebolando. Na televisão, imagens como essas são comuns. E as crianças pequenas são expostas a elas sem saber o que significam. O resultado é que elas acabam querendo imitar esses comportamentos. A professora da 1ª série Ruth das Chagas Neves, da Unidade Integrada José Augusto Mochéu, em São Luís, enfrenta situações desse tipo diariamente. Para satisfazer a curiosidade da turma e iniciar um trabalho de educação sexual, ela leva para a classe bonecos sexuados que ajudam a mostrar as diferenças entre o corpo do homem e da mulher (os bonecos maiores, Gertrude e Gervásio, têm os órgãos sexuais móveis). Vários colegas de Ruth foram capacitados pela Plan Brasil e pelo GTPOS e hoje a escola mantém um trabalho permanente sobre sexualidade.

Experiências de imitar os adultos podem levar a descobertas quando feitas em clima de brincadeira. Mas atenção: se a criança mostrar agressividade ou medo no contato físico, ela pode estar sendo vítima de abuso sexual. Mostre-se aberto a escutá-la para ter mais informações e procure a coordenação pedagógica ou a direção caso seja necessário.



Alunos da professora Ruth, de São Luís, fazem os próprios bonecos, inspirados na Família Colchete (ao fundo): brincadeira para entender o comportamento dos adultos e aprender sobre o corpo humano

A IMPORTÂNCIA DA INCLUSÃO



Pessoas com deficiências físicas, mentais ou sensoriais manifestam sua sexualidade tanto quanto os demais. O problema é que muitos os consideram "anormais" e, portanto, vêem essas atitudes também como anomalias, segundo o pesquisador Hugues Ribeiro, do Departamento de Educação Especial da Universidade Estadual Paulista em Marília (SP). Ele recomenda tratamento igual para todos, com abordagem adaptada ao tipo de deficiência do aluno.

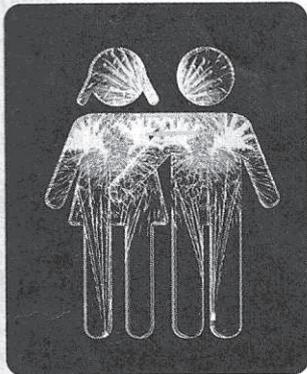
- Com alunos com deficiência mental, é preciso tornar as informações mais acessíveis e repeti-las várias vezes usando linguagem simples, material concreto ou exemplos. Caso um aluno insista em passar a mão nos colegas, por exemplo, fale que isso não pode ser feito sem a concordância da outra pessoa e que existem situações em que o toque é permitido e outras em que não. Para facilitar a compreensão, mostre gravuras de cenas do cotidiano e pergunte em quais tocar é permitido. No consultório, o médico pode examinar o paciente? E no ônibus, um passageiro pode passar a mão nos outros? Entre dois namorados isso é aceitável? E com os colegas da escola?

- Geralmente quem tem deficiência física apresenta auto-estima corporal baixa por não se enquadrar no "padrão de beleza". Falar do corpo, para eles, costuma ser difícil. Ajude-os contando histórias de pessoas com deficiência que se realizaram pessoal e profissionalmente. E adapte as atividades de sala de aula para incluí-los.

- Alunos com deficiência visual precisam de material concreto para manipular, como modelos dos órgãos sexuais e esquemas em alto-relevo.

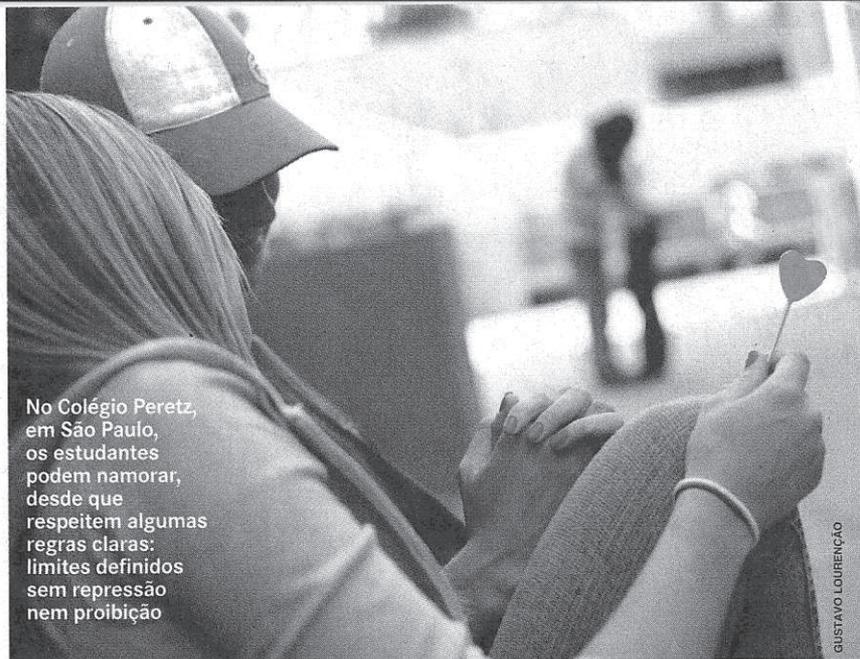
- Já quem tem deficiência auditiva nem sempre consegue explicar suas dúvidas para o educador, que muitas vezes tem dificuldade para transmitir as informações a eles. A solução é usar muitas figuras, diagramas e esquemas para facilitar a visualização e a assimilação dos conteúdos.

hormônios em ebulição



CARINHOS SEM TER FIM

No Colégio I. L. Peretz, em São Paulo, o namoro entre os alunos é visto como normal e saudável. Contudo, no ano passado, o romance entre uma garota da 7ª série e um menino do 1º ano do Ensino Médio mexeu com a escola. O jovem casal costumava procurar cantos isolados para trocar carícias tão calorosas que uma turma de 5ª série fazia fila para assistir. Na primeira conversa com a orientação pedagógica, os dois ouviram que não deveriam se esconder. A esperança era de que, em público, a atitude mudaria. Não foi o que ocorreu. Ao contrário, os



No Colégio Peretz, em São Paulo, os estudantes podem namorar, desde que respeitem algumas regras claras: limites definidos sem repressão nem proibição

amassos passaram para o pátio, a porta da escola, os corredores – e pais, alunos e funcionários ficaram incomodados com a situação.

“Os jovens estavam testando os limites”, lembra o orientador educacional Bruno Weinberg. “Por isso, tivemos de deixar claro até onde eles poderiam ir.” Sem partir para a repressão ou a proibição, ele explicou que as intimidades entre namorados são normais, mas que a escola não é lugar para isso. Para Maria Helena Vilela, o que faz o adolescente agir assim são as mensagens dúbias que ele recebe (seja da mídia e dos amigos, seja da família ou da escola). Por isso, o melhor é mesmo conversar e estabelecer o que os jovens podem fazer, onde e como.

NA ESCOLA

- Discuta as regras com todos os professores e funcionários para que as mensagens sobre limites sejam coerentes.
- Deixe claro para os alunos o que é permitido e o que é proibido, explicando os motivos.

EM CASA

- Analise o que você suporta ou não dentro de casa. É direito dos pais controlar o comportamento dos filhos.
- Tenha disponibilidade para ouvir seu filho e construir as regras com ele.

QUER

SABER ► COLÉGIO I. L. PERETZ, R. Madre Cabrini, 175, São Paulo, SP, tel. (11) 5574-0131
MAIS? 04020-000, São Paulo, SP, tel. (11) 5574-0131
 ► CORSA, R. Major Quedinho, 110, sala 172, 01050-030, São Paulo, SP, tel. (11) 3255-0076, www.corsasp.org
 ► DILMA LUCY DE FREITAS, dlfreitas@terra.com.br
 ► ECOS COMUNICAÇÃO EM SEXUALIDADE, R. Araújo, 124, 2º andar, 01220-020, São Paulo, SP, tel. (11) 3258-1238, www.ecos.org.br ► ESCOLA ESTILO DE APRENDER, R. Pio XI, 678, 05060-000, São Paulo, SP, tel. (11) 3644-7958 ► ESCOLA ESTADUAL ARI CORREA, R. Antônio Henrique Rolli, 245, 19914-400, Ourinhos, SP, tel. (14) 3322-4111 ► ESCOLA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA IRINEU BORNHAUSEN, R. Vereador Batista Pereira, 306, 88075-600, Florianópolis, SC, tel. (48) 3248-1352 ► ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR CARAN APPARECIDO GONÇALVES, R. Gregório Allegri, 101, 05842-070, São Paulo, SP, tel. (11) 5511-4994 ► FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO, R. Rodolfo Miranda, 636, 01121-900, São Paulo, SP, tel. (11) 3327-4000, www.fde.sp.gov.br ► GRUPO DE TRABALHO E PESQUISA EM ORIENTAÇÃO SEXUAL, Av. 11 de Junho, 943, altos, 04041-053, São Paulo, SP,

tel. (11) 5572-7331, www.gtpos.org.br ► HUGUES RIBEIRO, hugues@uol.com.br ► INSTITUTO KAPLAN, R. Guaraiúva, 1354, 04569-002, São Paulo, SP, tel. (11) 5506-2250, S.O.Sex tel. (11) 5505-4434 (tira-dúvidas sobre sexualidade), www.kaplan.org.br ► PLAN BRASIL, R. Zelindo Marafante, 20, 54440-370, Jaboatão dos Guararapes, PE, tel. (81) 2119-7575, www.plan.org.br ► UNIDADE INTEGRADA JOSÉ AUGUSTO MOCHÉU, Av. Principal, s/nº, 75099-080, São Luís, MA, tel. (98) 3241-6322
BIBLIOGRAFIA ► ADOLESCÊNCIA: O DESPERTAR DO SEXO, Içami Tiba, 216 págs., Ed. Gente, tel. (11) 3670-2500, 28,90 reais ► A EDUCAÇÃO SEXUAL DA CRIANÇA, Cesar Nunes e Edna Silva, 144 págs., Ed. Autores Associados, tel. (19) 3289-5930, 16 reais ► O ANJO E A FERA: SEXUALIDADE, DEFICIÊNCIA MENTAL, INSTITUIÇÃO, Alain Giami, 203 págs., Ed. Casa do Psicólogo, tel. (11) 3034-3600, 25 reais ► SEXO, PRAZERES E RISCOS, Antonio Carlos Egypto, 94 págs., Ed. Saraiva, tel. (11) 3613-3030, 27,90 reais ► SEXO SE APRENDE NA ESCOLA, Marta Suplicy e outros, 119 págs., Ed. Olho d'Água, tel. (11) 3673-1287, 24 reais

EXCLUSIVO ON-LINE

Veja como as diversas disciplinas podem abordar a sexualidade em sala de aula, confira indicações de cursos sobre o tema e faça o download dos ícones que ilustram esta reportagem no site de NOVA ESCOLA: www.novaescola.org.br

6. APÊNDICE

6.1. Questionário Aplicado

QUESTIONÁRIO

Nome: _____

Local de Trabalho: _____

Tempo de Atuação: _____

Formação: _____

1. O que você entende por sexualidade?

2. Como você reage diante das expressões da sexualidade infantil em sala de aula?

3. A sexualidade está ligada a identidade de gênero. Com isso, como você organiza as filas de alunos (as)?

() Uma fila mista.

() Uma fila de meninos e outra fila de meninas.

() Não tem fila.

4. Com relação às brincadeiras entre as crianças, como você atua?

() Deixa as crianças brincarem livremente.

() Separa o grupo das meninas e o grupo dos meninos, devido o fato de que as brincadeiras das meninas são mais “sensíveis” e a dos meninos são mais “violentas”.

() Intervém ao ver meninas brincando de carro e bola e meninos brincando de boneca.

5. Qual sua opinião a respeito de meninos e meninas brincarem juntos com o mesmo brinquedo ou brincadeira?
